

BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXXVI nº 1533 | 29/03/2021 a 11/04/2021

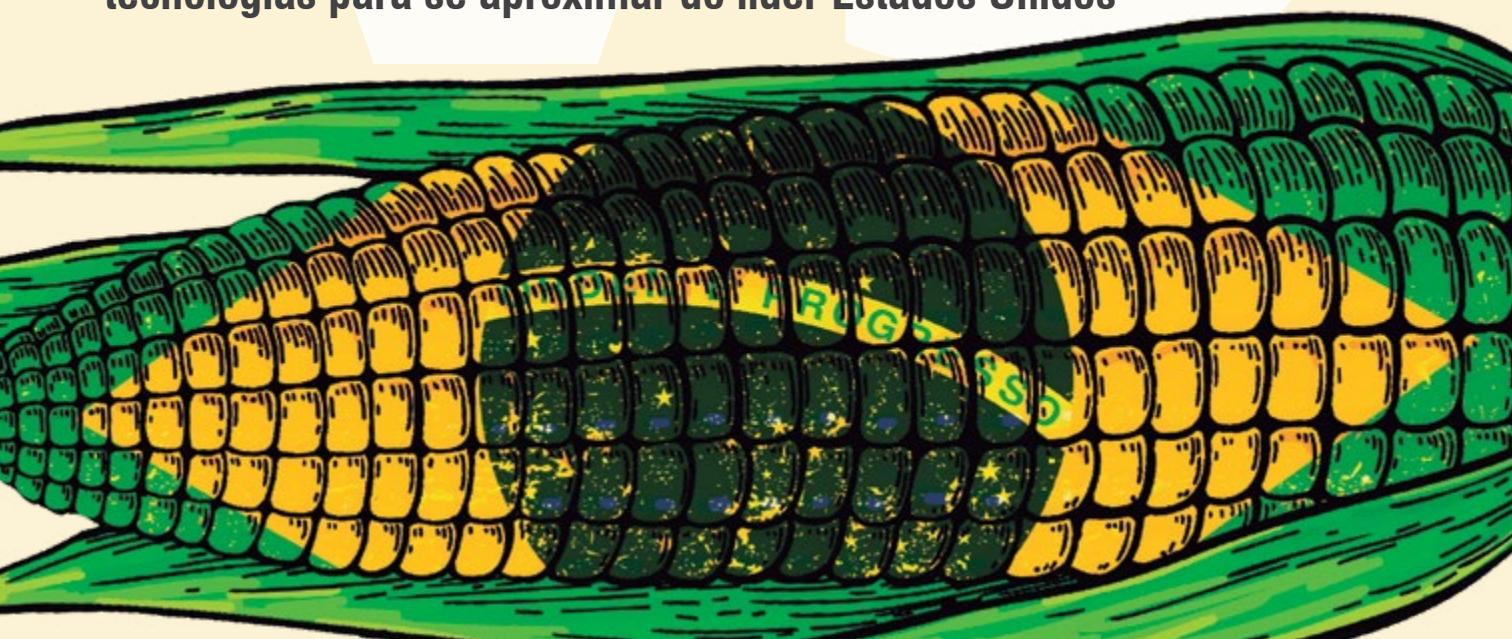
Tiragem desta edição 26.000 exemplares



DISPUTA

DESAFIO DO MILHO

Apesar de ser o terceiro produtor mundial, Brasil precisa investir mais em pesquisa, conservação do solo e uso de tecnologias para se aproximar do líder Estados Unidos



Aos leitores

O Brasil é um gigante do agronegócio e lidera e/ou belisca a liderança na produção de várias *commodities*. Seja nas proteínas animais ou na agricultura, o país é uma referência internacional em qualidade, produção e produtividade. E, justamente por ter todo esse destaque, surge uma questão intrigante: por que há uma diferença abismal entre o desempenho do Brasil e dos Estados Unidos quando o assunto é milho? Esse é o tema da matéria de capa deste Boletim Informativo.

A disponibilidade do cereal é fundamental, tanto aqui como lá, para movimentar as engrenagens da pecuária, produção de biocombustíveis e também a própria alimentação humana. Mas enquanto os norte-americanos conseguem colher, na média, 175 sacas por hectare, por aqui patinamos nas 92 sacas. No ano passado, foram colhidas 345 milhões de toneladas por lá, enquanto aqui chegamos ao nosso recorde: 102 milhões de toneladas.

Por um lado, as explicações envolvem aspectos mais favoráveis aos EUA em relação a clima, relevo, a maneira como as plantações se distribuem geograficamente e outros fatores que não temos como mudar no Brasil. Por outro, como alertam os especialistas ouvidos na reportagem, há muito o que o setor agropecuário pode fazer para colocar os brasileiros, ao menos, mais próximos dos norte-americanos. Então, mãos à obra.

Boa leitura!

Expediente

• FAEP - Federação da Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Francisco Caldato, Nelson Natalino Paludo, Nery José Thome e Valdemar da Silva Melato | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita | **Diretor Financeiro:** Paulo José Buso Júnior e Ivo Pierin Júnior | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Ciro Tadeu Alcantara e Walter Ferreira Lima | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, Rodolpho Luiz Werneck Botelho, Eduardo Medeiros Gomes e Gerson Magnoni Bortoli.

• SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | **Presidente:** Ágide Meneguette | **Membros Efetivos:** Marcos Junior Brambilla (Fetaep), Rosanne Curi Zarattini (Senar AC), Darcy Piana (Fecomércio) e Nelson Costa (Ocepar) | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Júnior e Carlos Alberto Gabiatto | **Superintendência:** Débora Grimm

• BOLETIM INFORMATIVO

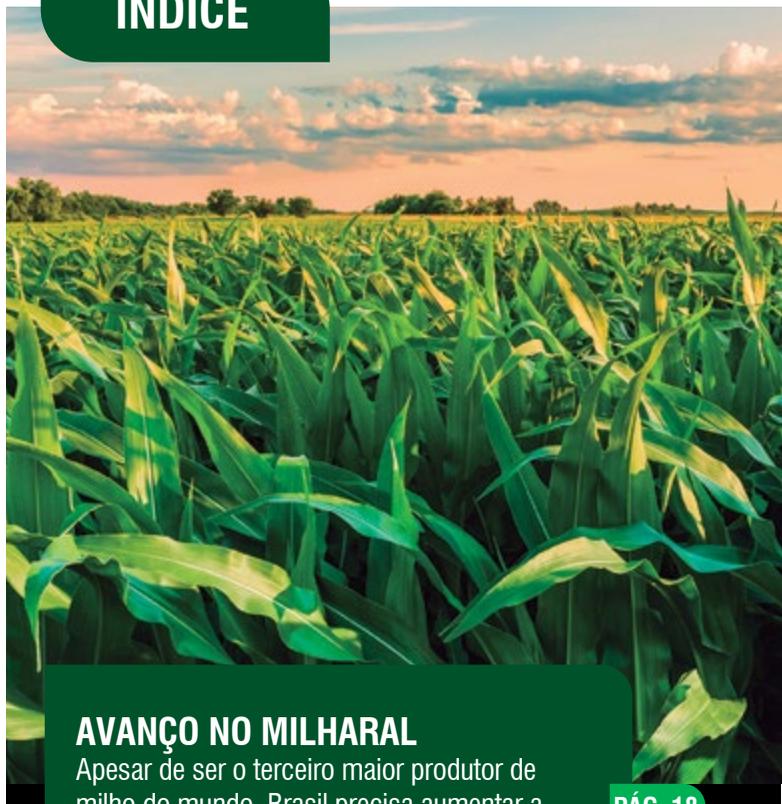
Coordenação de Comunicação Social e Edição: Carlos Guimarães Filho | **Redação e Revisão:** André Amorim, Antonio Carlos Senkovski, Bruna Fioroni e Felipe Anibal | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Fernando Santos, Helio Lacerda e William Goldbach | **Contato:** imprensa@faep.com.br

Publicação semanal editada pela Coordenação de Comunicação Social (CCOM) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da Edição 1533:

Fernando Santos, Divulgação, Arquivo FAEP e Shutterstock.

ÍNDICE



AVANÇO NO MILHARAL

Apesar de ser o terceiro maior produtor de milho do mundo, Brasil precisa aumentar a escala por meio de investimentos e tecnologia

PÁG. 18

SEGURO RURAL

Capacitação oferecida pela FAEP formou mais de 500 pessoas para o uso da ferramenta de gestão de risco

Pág. 4

COMBATE A INCÊNDIOS

Novo curso do SENAR-PR prepara para a prevenção ao fogo em indústrias, florestas, usinas e estruturas

Pág. 6

CONSUMO

Com a alta do preço da carne bovina, ovos e frango ganharam mais espaço no prato da população

Pág. 8

ENTREVISTA

Deputada Aline Sleutjes assume a presidência da Comissão de Agricultura da Câmara Federal

Pág. 14

INSUMOS

Apesar das vendas em alta em função do dólar, produtores têm visto o custo de produção aumentar

Pág. 24

Outono deve manter irregularidade no clima

Sob influência do *La Niña*, Paraná terá períodos de chuva e frio intercalados com calor. A partir do final de maio, existe risco de geada



O outono, que começou no dia 22 de março, deve ser marcado por chuvas irregulares em todo o Paraná. Segundo o agrometeorologista Luiz Renato Lazinski, o fenômeno climático *La Niña*, caracterizado pelo esfriamento das águas do Oceano Pacífico, terá influência nas precipitações em praticamente todas as regiões brasileiras, inclusive no território paranaense. “O *La Niña* atingiu o seu máximo em janeiro e fevereiro. Ele está diminuindo de intensidade, mas, mesmo fraco, segue influenciando nosso clima até meados deste ano”, afirmou.

De acordo com o Sistema de Tecnologia e Monitoramento Ambiental do Paraná (Simepar), no decorrer desta estação os paranaenses devem conviver com manhãs e noites mais frias, enquanto as tardes seguem quentes. A partir de maio, ondas de ar frio e seco devem ser frequentes e intensas, provocando expressivo declínio da temperatura do ar. Dessa forma haverá dias muito frios, intercalados por outros de grande calor.

No campo

O clima irregular vem complicando a lida nas lavouras paranaenses nos últimos tempos. No início da safra de verão faltou chuva no plantio. Depois, no início deste ano, choveu mais que o necessário. De acordo com o Lazinski, com a influência

do *La Niña*, a previsão é que essa instabilidade continue ao longo da estação até o início do inverno.

“Podemos ter um ou outro veranico na safrinha de milho”, observa o especialista, referindo-se a períodos isolados de calor. Segundo o Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento (Seab), até a terceira semana de março, 72% da área estimada de 2,4 milhões de hectares já estavam semeados, mas o avanço do cereal também depende das condições climáticas.

Essa situação climática poderia ser mais propícia a cultura do trigo, que tolera facilmente veranicos e também quedas bruscas de temperatura. O milho safrinha, que já sofreu atraso no plantio em decorrência da estiagem prolongada, pode ser mais vulnerável às variações de temperatura e clima.

As temperaturas não devem ser muito altas de acordo com o agrometeorologista. “Amenas para essa época do ano. O frio chega mais cedo em anos com o *La Niña*. Na verdade, ele já chegou em fevereiro, tivemos mínimas de seis graus”, detalha Lazinski.

Segundo o especialista, o risco de geada não está descartado, principalmente após o final de maio. “Inclusive em áreas de milho safrinha. Se tiver geada seria mais para a região Oeste, não para o Norte”, analisa.

Curso da FAEP amplia conhecimento sobre seguro rural



Capacitação formou 521 alunos, entre produtores rurais, colaboradores de sindicatos e técnicos da área sobre a importância da ferramenta

No mês de março, a FAEP encerrou a primeira rodada de 15 turmas do curso sobre seguro agrícola nas culturas de grãos. Ao longo dos encontros, a capacitação detalhou a importância da ferramenta para a gestão de riscos, desde o momento da contratação até o final da vigência da apólice. O curso abordou pontos como o conceito de seguro agrícola, a participação do governo nesse processo, produtos adequados a cada necessidade, contratação da ferramenta e como proceder em caso de perdas. A formação reuniu, no total, 521 alunos, entre produtores, funcionários de sindicatos rurais e técnicos da área, de todas as regiões do Paraná, de outros Estados e até mesmo de outros países.

“Além dos produtores rurais, a FAEP decidiu capacitar pessoas que, em algum momento, dão assistência, seja na condução da lavoura ou na contratação do crédito. Quanto

mais informação de qualidade o produtor tiver, mais segurança terá para conduzir sua atividade”, destacou a técnica do Departamento Técnico e Econômico (DTE) do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ana Paula Kowalski.

Atualmente, o Paraná é líder em contratações de seguro rural no Brasil, com quase 40 mil apólices em 2020 no âmbito do Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR) do governo federal. Isso permitiu cobrir uma área de mais de 2 milhões de hectares de soja e um valor segurado na casa dos R\$ 7 bilhões.

“É importante que os agentes envolvidos no processo conheçam bem os principais detalhes do seguro agrícola, para que os técnicos possam oferecer o melhor serviço ao produtor e para que ele saiba exatamente o que está contratando”, explicou Luiz Eliezer Ferreira, também técnico do DTE.

Formação

Entre as questões mais frequentes do curso, estavam os tópicos sobre perícia (como é realizada, prazo para comunicação do sinistro e atuação de técnicos), funcionamento dos programas de subvenção (liberação de recursos, comunicação do deferimento da subvenção, pagamento do prêmio em caso de não conseguir a subvenção do governo) e riscos cobertos e não cobertos.

A produtora rural Juliana Feil Gaffuri administra uma propriedade em Toledo, na região Oeste, ao lado do marido, e geralmente contrata seguro agrícola para as culturas de inverno pela maior suscetibilidade a perdas. Ela decidiu participar do curso para entender melhor as particularidades de cada modalidade e, assim, estar informada do serviço contratado para a propriedade.

“Meu marido utiliza o seguro pela linha de crédito do Pronaf [Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar], enquanto meu sogro, geralmente, contrata um seguro particular. Achei o curso prático e didático, permitindo entender todas as formas de cálculo das alíquotas e como funciona cada tipo de seguro”, apontou Juliana.

Outros participantes pretendem utilizar os conhecimentos adquiridos na formação para aprimorar a assistência aos produtores rurais, caso do estudante de Agronomia Nicolas de Moraes, de Andirá, no Norte do Estado. Antes de entrar para a graduação, Moraes atuava no mercado de seguros. A ideia é continuar atuando na área após terminar a faculdade, agora com mais conhecimento e experiência.

“O curso foi completo, principalmente por mostrar como funciona o processo na prática. Foi bem interessante aprender mais sobre a base de cálculo para cada tipo de cultura. Informações que, com certeza, vão fazer a diferença no meu dia a dia lá no futuro”, destacou o estudante.

Presença internacional

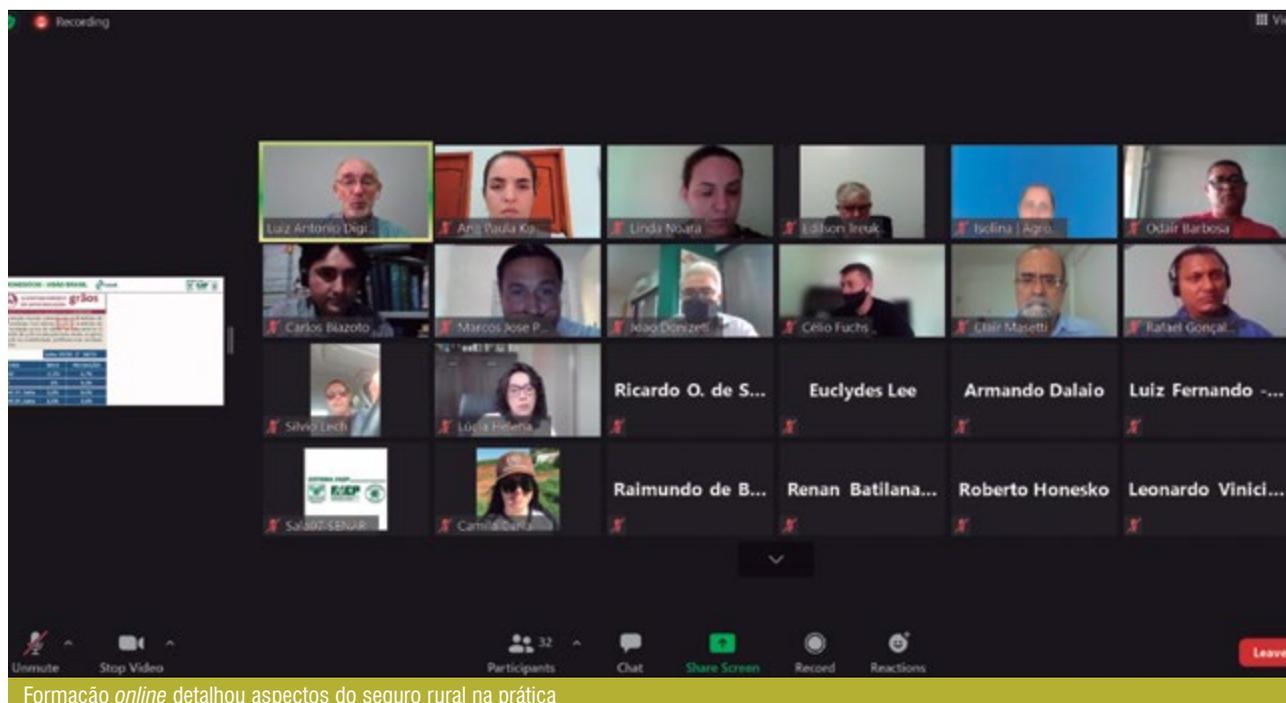
Uma das turmas do curso contou com a presença do aluno Teotônio Alberto Djedje, economista de Moçambique, país da África. “Ele levantou várias dúvidas e elogiou o processo de seguro agrícola no Brasil. Em Moçambique, não existe algo parecido. Ele ficou muito interessado em poder aproveitar o conhecimento adquirido no curso para aplicar à realidade dele”, contou Ferreira, técnico do Sistema FAEP/SENAR-PR.

Ao final de cada turma, questionários foram aplicados para avaliar o curso, com tópicos como dinâmica da aula, plataforma utilizada, técnica e didática dos instrutores e transmissão do conteúdo, além do suporte da Federação e dos técnicos e a mediação realizada pelos tutores. “A maior parte do *feedback* foi positivo, principalmente quanto ao conteúdo, nível dos instrutores e suporte oferecido”, comentou Ferreira.

Módulos

O curso foi dividido em três módulos, com a participação de especialistas em seguro agrícola. O primeiro módulo foi conduzido pelo coordenador do Centro de Economia Aplicada, Cooperação e Inovação no Agronegócio (CEA) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Gilson Martins, que abordou a gestão de risco, o PSR e o Zoneamento Agrícola de Risco Climático (Zarc).

No segundo, o especialista em seguro rural Luiz Antonio Digiovani detalhou as modalidades de seguro rural ofertadas pelo mercado e os tipos de cobertura. A última etapa foi ministrada pelo sócio-proprietário da empresa de regulação agrícola e rural Agrotrust Perícias, Odair Machado, que discorreu sobre contratos, processo de perícia e prêmio ao seguro rural.



SENAR-PR oferece curso para combate a incêndios no meio rural

Formação gratuita foi criada após período de prolongada estiagem no Paraná



Saber como proceder nessas ocorrências é fundamental para evitar tragédias no campo

Os anos de 2019 e 2020 foram marcados por uma severa estiagem, que castigou lavouras, pastagens e florestas, ocasionando um aumento nos focos de incêndio no Paraná. Em face desta realidade e das demandas do setor produtivo, o SENAR-PR criou o curso “Prevenção e combate aos incêndios no meio rural”, que passa a ser oferecido este ano no catálogo da entidade, com turmas já agendadas desde janeiro. Basta acessar o site www.sistemafaep.org.br, na seção Cursos para verificar as próximas datas e locais de realização da capacitação.

O SENAR-PR já disponibilizava outra formação voltada ao combate de incêndios. Desde 2010, a instituição oferta o curso “Prevenção e combate aos incêndios florestais”, voltado ao combate ao fogo nos cultivos florestais.

Nesta nova iniciativa, segundo o técnico do Departamento Técnico (Detec) do SENAR-PR Neder Corso, a ideia é

levar essa formação para áreas além das indústrias de base florestal, como cooperativas, agroindústrias e usinas sucroalcooleiras.

“Em função de um ano atípico, de muita seca, tivemos muitos focos de incêndios. Com isso surgiu a demanda de curso que trouxesse o conhecimento sobre o fogo e as técnicas para o combate a incêndios florestais e ambientais”, explica.

Fazendo uma relação com o meio urbano, quando se trata de edifícios existem brigadas de incêndio e um treinamento específico para o combate ao fogo nestes espaços, o que não ocorre com incêndios ambientais e florestais. “Nos incêndios prediais, cuja formação de brigadistas é regulamentada pela NPT 017 do Corpo de Bombeiros da Polícia Militar, há utilização de extintores e sistemas de hidrantes em situações de combate. Nos incêndios ambientais, os equipamentos de combate são outros, com

utilização de bombas costais e ferramentas manuais como abafadores, enxadas e pás”, esclarece o técnico do DTE.

Para preparar os instrutores do curso foram necessários dois eventos de formação: um na área de primeiros socorros, realizado no Centro de Treinamento Agropecuário (CTA) do SENAR-PR em Ibiporã (Norte), e outro na área de prevenção e combate a incêndios florestais, promovido em parceria com uma empresa que disponibilizou infraestrutura e equipamentos para a realização das práticas.

De acordo com o instrutor do SENAR-PR Luiz Paulo Corso, que ministra o curso, o principal objetivo da iniciativa é capacitar os participantes para atuarem na prevenção e combate à ocorrência de incêndios e os primeiros socorros, protegendo a vida e o patrimônio e reduzindo os danos ao meio ambiente.

“É muito importante manter as equipes bem treinadas para atuarem de forma correta, tanto na aplicação de uma queima controlada, planejada, bem como na ocorrência de um incêndio acidental, agindo com rapidez e conhecimento na solução do problema”, avalia o instrutor.

Na opinião da instrutora do SENAR-PR Juçana Farina, que também ministra a capacitação, um dos grandes equívocos da população rural é o desconhecimento de como proceder em uma situação de incêndio. “É sempre importante ter conhecimento, cautela e uma equipe preparada para, caso seja necessário, entrar em ação. Isso evita a perda de vidas”, considera.

A própria Juçana já passou por situação extrema neste sentido. “Tive uma experiência no sítio em que o fogo fugiu do controle. Tinha por volta de 10 anos e lembro de meu irmão mais velho desesperado tentando apagar o fogo. Depois de muito desespero e já quase sem fôlego, apagamos o incêndio. Hoje fico pensando que se naquela época soubesse o comportamento do fogo, teria podido agir com muito mais segurança”, avalia.

Serviço

Curso: Prevenção e combate aos incêndios no meio rural

Carga Horária: 16 horas

Conteúdo: Técnicas de combate aos incêndios florestais, ferramentas e os equipamentos utilizados na abertura de aceiros e no combate direto ao fogo

Inscrição: sistemafaep.org.br, na seção Cursos

Curso: Prevenção e combate aos incêndios florestais

Carga Horária: 16 horas

Conteúdo: Conhecimentos sobre o fogo e o processo de combustão, tipos de incêndios florestais e suas formas de propagação

Inscrição: sistemafaep.org.br, na seção Cursos

Memória do Campo



PR, SC, RS na aliança pelo leite



No último dia 17 de julho, a FAEP reúne a 1ª Reunião da Aliança Látcea Sul Brasileira, que reuniu mais de 300 produtores rurais de PR, SC e RS para discutir o futuro do setor leiteiro na região Sul do Brasil. A reunião foi realizada no Centro de Treinamento Agropecuário (CTA) do SENAR-PR em Ibiporã (Norte), com a presença de representantes de produtores rurais, técnicos, gestores e autoridades locais. O encontro teve como objetivo discutir o futuro do setor leiteiro na região Sul do Brasil e a importância da Aliança Látcea Sul Brasileira para a produção e comercialização do leite na região Sul do Brasil. A reunião foi realizada no Centro de Treinamento Agropecuário (CTA) do SENAR-PR em Ibiporã (Norte), com a presença de representantes de produtores rurais, técnicos, gestores e autoridades locais. O encontro teve como objetivo discutir o futuro do setor leiteiro na região Sul do Brasil e a importância da Aliança Látcea Sul Brasileira para a produção e comercialização do leite na região Sul do Brasil.

Aliança pelo leite

Há sete anos, a cadeia produtiva do leite dava um passo histórico. Em 17 de julho de 2014, a Aliança Látcea Sul Brasileira realizou sua primeira reunião, ocorrida na sede do Sistema FAEP/SENAR-PR, em Curitiba. O encontro inaugural reuniu autoridades, como os secretários de agricultura, diretores das Federações e representantes de sindicatos de trabalhadores e das indústrias do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

A Aliança Látcea foi criada com o objetivo de ser um fórum permanente para defender, unir, consolidar e desenvolver o setor leiteiro. A partir do diálogo entre representantes do setor dos três Estados, a Aliança elaborou o documento “Carta Aberta – Cenário e perspectivas da cadeia do leite na região Sul”, que foi encaminhada aos governadores e outras autoridades do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Na ocasião, a atividade leiteira envolvia 300 mil produtores e respondia por 33% da produção nacional de produtos lácteos – com 10,7 bilhões de litros de leite.

De lá para cá, a região Sul avançou ainda mais. Juntos, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul passaram a responder por 36% da produção brasileira. O Paraná mantém o segundo lugar na produção nacional de leite, com cerca de 4,3 bilhões de litros por ano. Além disso, o Estado se notabiliza por ter uma das cadeias mais eficientes e com recordes de produtividade.

Mercado interno alavanca crescimento da avicultura

Alta do preço da carne bovina faz consumidor migrar para ovos e frango, aquecendo o setor

Por Felipe Aníbal



7,5%

Foi o aumento no alojamento no Paraná em 2020 em relação a 2019, acima da média nacional de 5,4%



Líder absoluto na atividade, a avicultura paranaense cresceu ainda mais ao longo de 2020. De 2019 para o ano passado, o número de alojamentos saltou de 1,9 bilhão para quase 2,1 bilhões de cabeças, aumento de 7,5%. Dos Estados com maior relevância produtiva, o Paraná foi o que mais avançou – e bem acima da média nacional de 5,4%.

Em tempos de desafios impostos pela pandemia do novo coronavírus, o mercado interno alavancou esse crescimento, calcado no aumento do consumo de carne de frango e de ovos – provavelmente, em substituição à carne bovina, cujo preço da arroba atingiu patamares recordes e, conseqüentemente, no aquecimento também. A tendência é de que o consumidor brasileiro continue sendo o foco do setor ao longo de 2021.

“Apesar da pandemia, mantivemos nosso destaque na avicultura, respondendo por 30% da produção nacional. A exemplo de outras culturas, o avicultor paranaense vem atravessando o período de pandemia obtendo ótimos resultados e garantindo segurança alimentar”, observa o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette.

Em âmbito nacional, as exportações do Paraná se mantiveram praticamente estáveis – aumentaram pouco mais de 1%. Mas em razão das oscilações dos preços internacionais, a arrecadação em dólares dos embarques despencou quase 11,7% – ficando em US\$ 1,6 bilhão. Os primeiros dados de janeiro deste ano indicam que as vendas externas recuaram. Toda essa conjuntura ressalta ainda mais a importância do mercado interno, que vem absorvendo cerca de 70% do volume produzido pelo setor e equilibrando a atividade – a exemplo do que ocorreu ao longo de 2020.

“A gente vem observando uma desaceleração das exportações, em um contexto em que o mercado interno já vinha sendo determinante para a avicultura. O aumento do consumo interno tem sido importante para manter a sustentabilidade da cadeia produtiva”, diz Mariana Assolari, técnica do Departamento Técnico (Detec) do SENAR-PR.

Os dados do último trimestre do ano passado ainda não foram consolidados, mas uma projeção da Associação

Brasileira de Proteína Animal (ABPA) estima que o Brasil tenha terminado 2020 com uma produção de carne de frango 5% maior em relação a 2019, com 13,9 milhões de toneladas. O consumo, por sua vez, aumentou ainda mais (6%), chegando a 45,4 quilos por habitante, no ano. No caso dos ovos, o crescimento foi ainda mais agudo: a produção aumentou 8,5%, chegando a 53,5 bilhões de unidades. O consumo avançou 8,9%, atingindo 251 ovos por habitante, ao longo do ano.

Sai o bife, entra o frango

O aumento do consumo de produtos da avicultura – tanto de carne quanto de ovos – está diretamente relacionado a outros fatores internos. Um deles é o preço da carne bovina – proteína de preferência do brasileiro. Com os preços da arroba na casa dos R\$ 300, os cortes também estão mais caros no mercado – chegando a dobrar de preço. Em um ano de dificuldades econômicas – com o desemprego saltando dos 11,3% para 14,3% – muitos consumidores se viram obrigados a abrir mão de carne de boi e partir para alternativas mais baratas.

“Houve uma substituição de consumo. Com o aumento de preço da carne bovina, os consumidores, principalmente de camadas econômicas com menor poder aquisitivo, passaram a consumir bens substitutos, como ovos e carne de frango. Vemos isso de forma muito clara: cai o consumo de bovinos e aumenta o de frango. O mercado interno, que já era determinante para a avicultura, passa a ser definitivamente a bola da vez”, avalia Luiz Eliezer Ferreira, do Departamento Técnico e Econômico da FAEP.

Outro ponto também contribuiu de forma decisiva para o aumento do consumo de produtos da avicultura: a injeção de recursos na economia por meio do auxílio emergencial. Ao longo de 2020, a ajuda decretada pelo governo federal em razão da pandemia beneficiou 64 milhões de pessoas em vulnerabilidade social ou pequenos empreendedores que tiveram suas atividades em risco. Para os especialistas, esse dinheiro foi gasto pelos beneficiários sobretudo na compra de produtos básicos.

“A população que teve acesso ao benefício é formada por pessoas com alta propensão ao consumo imediato. Ou seja, pessoas que precisam do dinheiro para comprar itens básicos, principalmente alimentos. Em um contexto de desemprego e dificuldades financeiras, as pessoas mais humildes foram para os ovos e para o frango”, explica Ferreira.

Perspectivas

Para esse ano, a APBA projeta o crescimento de cerca de 5% da produção e do consumo de frangos e de ovos. Para os especialistas do Sistema FAEP/SENAR-PR, o resultado depende de alguns fatores, como a retomada do pagamento do auxílio emergencial e da recuperação da economia internacional, com a consequente retomada das

exportações. Apesar de as indústrias preverem a redução dos alojamentos no início de 2021, a tendência é que esse cenário se acomode ao longo do ano.

“Uma das saídas é o abate de frangos mais jovens, dentro de uma janela que seja possível os frigoríficos adequarem as máquinas, reduzindo o tempo de alojamento. A tendência, pelo menos no primeiro semestre, é reduzir um pouco a oferta para ajustar os preços e equilibrar os altos custos de produção”, observa Mariana.

“Por outro lado, temos uma boa safra de soja e de milho, o que pode aliviar os custos de produção. Com a carne bovina continuando em alta, o consumo de frango e ovos deve se manter ao longo do ano, com o mercado interno, mais uma vez, se concretizando como a bola da vez”, acrescenta Ferreira.

“Houve uma substituição de consumo. Vemos isso de forma muito clara: cai o consumo de bovinos e aumenta o de frango”

Luiz Ferreira,
técnico da FAEP

O desempenho em 2020

Veja os números da avicultura ao longo do ano passado, em comparação com 2019

Alojamentos (em bilhões de cabeças)			
	2019	2020	Varição (em %)
Paraná	1,948	2,094	7,48
Santa Catarina	0,880	0,903	2,6
Rio Grande do Sul	0,864	0,901	4,34
São Paulo	0,631	0,666	5,6
Goiás	0,470	0,478	1,67
Brasil	6,459	6,810	5,43

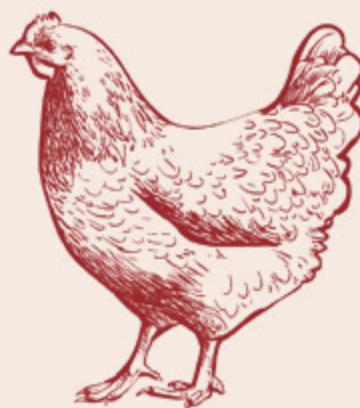
Fonte: Datapinco

Exportações						
Ano	2019		2020		Var. % (valor)	Var. % (peso)
	Valor (em bilhões de US\$)	Peso (em milhões de t)	Valor (em bilhões de US\$)	Peso (em milhões de t)	-	-
Brasil	6,972	4,174	5,989	4,124	-14,10	-1,20
Paraná	2,665	1,637	2,354	1,657	-11,67	1,22

Fonte: Agrostat

Produção de frango no Brasil

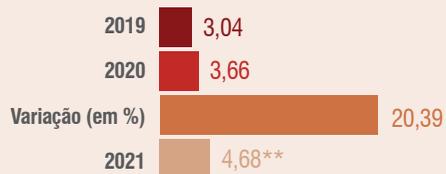
Produção (milhões de t)



Consumo (kg/hab/ano)



Preço médio (frango vivo R\$/kg)



* projeção para o ano
** preço em fevereiro de 2021

Produção de ovos no Brasil

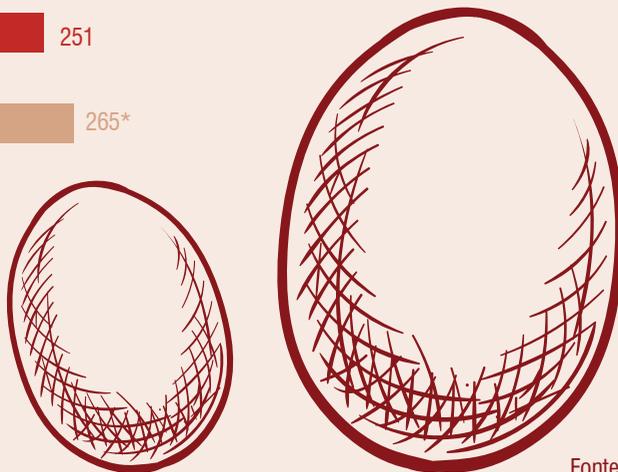
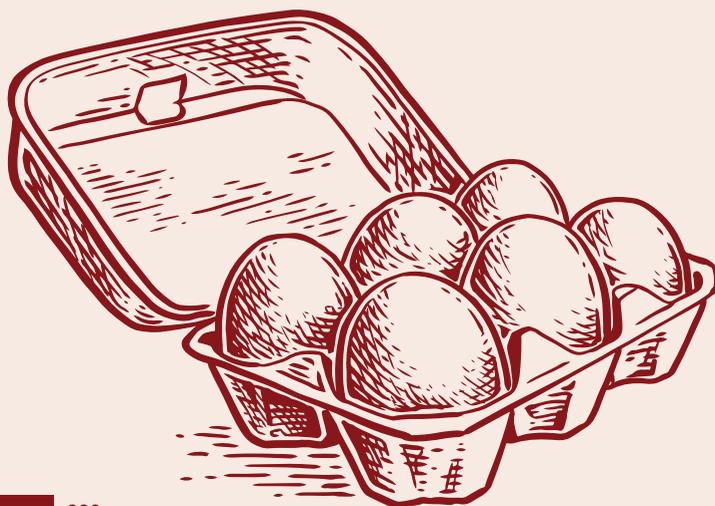
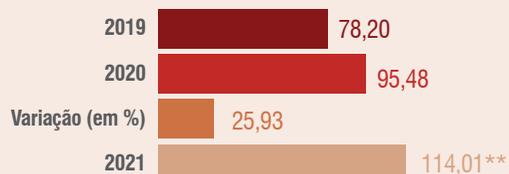
Produção (em bilhões de unidades)



Consumo (unidades/hab/ano)



Preço médio (ovo gde R\$/30 dz)



Para indústria, período é de cautela

Apesar das projeções da ABPA de aumento de consumo de produtos da avicultura, o Sindicato das Indústrias de Produtos Avícolas do Estado do Paraná (Sindiavipar) tem adotado um tom de cautela ao traçar as perspectivas para 2021. O presidente da entidade, Irineo da Costa Rodrigues, prevê bons momentos para a atividade nos próximos anos, mas diz que pode haver até recuo dos alojamentos no curto e no médio prazos. Tudo isso em razão do aumento dos custos de produção, que influencia no equilíbrio do setor.

“Necessariamente, as aviculturas brasileira e paranaense crescerão nos próximos anos. Não tenho dúvidas de que em um país que possui *know-how* nessa atividade, que tem fartura de matéria-prima, como produção de grãos que são fonte para nutrição animal, a avicultura vá avançar. Neste momento, entretanto, esse crescimento não deve acontecer, podendo até ocorrer redução de produção por falta de viabilidade econômica. Não haverá uma expansão no curto e médio prazos da atividade”, ressalta.

Grupo do setor que mais cresceu em 2020 no Paraná, a cooperativa Lar também tem, agora, estimativas mais conservadoras. No ano passado, a empresa adquiriu dois complexos para abate, saltando de 540 mil para 900 mil aves por dia. Para 2021, no entanto, a Lar deve pôr o pé no freio, estagnando a produção ou mesmo reduzindo levemente o número de abates.

“Devemos reduzir um pouco [a produção] enquanto perdurar essa crise de preço muito alto do milho e do farelo de soja, que encareceu o custo de produção da atividade, que hoje está deficitária. Mas, certamente, o setor avícola está procurando repassar um preço maior, seja no mercado interno ou externo, em que se busca um aumento no valor do frango na ordem de US\$ 250 a tonelada”, aponta Rodrigues, que também é diretor-presidente da Lar.

Custo de produção é o vilão do setor

Os preços médios pagos ao produtor ao longo do ano passado tiveram um aumento significativo: 20,4% para o frango vivo e 25,9% para os ovos grandes. Essa valorização está relacionada ao aumento da demanda e também à alta dos custos de produção – que foram absorvidos, em grande parte, pela indústria. Para os especialistas, este é o principal fator em que o avicultor deve ficar de olho neste ano.

“O preço dos grãos são, realmente, a grande preocupação do setor. Cerca de 70% da ração são compostas por milho e 30%, por farelo de soja. Ambos estão com preços valorizados. Além disso, outros insumos, como medicamentos e premix [suplemento] são importados em dólar e também estão com preços altos. É hora do produtor se manter ligado, com diálogo estreito com a indústria, para ajustar ciclo de abates”, aponta Mariana Assolari, técnica do SENAR-PR.

“Em regra, o que vemos em 2020, foi que a indústria absorveu essa alta nos custos de produção. Mas a capacidade de bancar esse impacto tem um limite. Além disso, tem outros custos, como energia elétrica, por exemplo, que pode consumir parte da renda do produtor”, acrescenta Luiz Eliezer Ferreira, técnico da FAEP.

Para o Sindiavipar, o aumento dos preços dos produtos da avicultura não foi suficiente para cobrir a alta nos custos de produção, o que fez com que a indústria trabalhasse no vermelho. Além da cotação dos grãos, Irineo Rodrigues, presidente da entidade, menciona a valorização do ferro e do aço, que impactam diretamente sobre a aquisição de novos equipamentos.

“Atualmente, estamos fortemente impactados pelo aumento do custo de produção, visto que o preço do farelo de soja e do milho estão cada vez mais altos. Sendo assim, para viabilizar o setor, será necessário procurar repassar um pouco dessa alta nos custos”, diz.



Agrinho de "A" a "Z"

Professora premiada na edição de 2020 do concurso também recebeu prêmio 19 anos antes, quando era aluna



História que se repete: professora Grazieli com um aluno premiado em 2020

O Programa Agrinho, capitaneado pelo Sistema FAEP/SENAR-PR com o objetivo de levar mais conhecimento para as salas de aula paranaenses, completa 26 anos de atividade em 2021. Ao longo deste tempo, mais de uma geração de alunos já teve contato com a metodologia de ensino. Muitos que participaram do Agrinho quando crianças, hoje são produtores rurais, empresários e lideranças do campo (inclusive temos prefeitos entre os ex-alunos). Também existem aqueles que se tornaram professores, completando, desta forma, o ciclo do conhecimento.

Essa é a história da professora Grazieli Sbisigo, do município de São João, na região Sudoeste do Estado. Em 2020, ela foi premiada na categoria Prática Pedagógica na campanha voltada ao combate à dengue, um dos temas encampados pelo programa naquele ano. Mas esta não foi a primeira vez que ela recebeu um prêmio entregue pelo Sistema FAEP/SENAR-PR.

Em 2001, na condição de aluna, então com seis anos de idade, Grazieli foi uma das vencedoras na modalidade Desenho. As lembranças daquela época continuam inesquecíveis. “Lembro de termos recebido um livrinho do programa e que tínhamos que produzir um desenho”, recorda.

Naquele tempo, a cerimônia de encerramento não era tão grande como é hoje. Grazieli não veio a Curitiba para a premiação e uma medalha foi entregue na sua escola, então no município de Vitorino. O reencontro com o programa aconteceu 18 anos depois.

“Eu voltei a ter contato direto com o Agrinho em 2019, quando comecei a lecionar Ciências e fiz um trabalho bem bacana com os alunos de 6º ao 9º ano”, conta a docente. Naquele ano, ela não participou do concurso na modalidade Experiência Pedagógica (categoria destinada aos professores), mas seis alunos seus foram selecionados para a etapa regional do concurso.

Em 2020, ela trabalhou a temática da dengue junto aos alunos nos primeiros meses do ano, quando as aulas presenciais ainda estavam acontecendo. Naquele momento, a docente ainda não sabia quais seriam os temas das campanhas do Agrinho.

“A Secretaria Municipal de Saúde havia demandado algo para conscientização no combate à dengue e calhou de ser o mesmo tema da campanha”, lembra. Desta forma, quando as aulas foram suspensas em decorrência do novo coronavírus, a Grazieli já havia realizado as etapas práticas junto aos alunos.

Para 2021, ela conta que já está pensando em qual será a temática da Experiência Pedagógica que pretende desenvolver. “Como aluna, eu sempre gostei de aulas práticas, de coisas diferentes, interessantes. É isso eu tento fazer pelos meus alunos agora como professora”, afirma.

Da “Capital do Leite” para a Comissão de Agricultura

Deputada federal Aline Sleutjes, dos Campos Gerais, assumiu o colegiado na esfera federal com o compromisso de trabalhar para mudar a imagem de vilão do agronegócio nacional

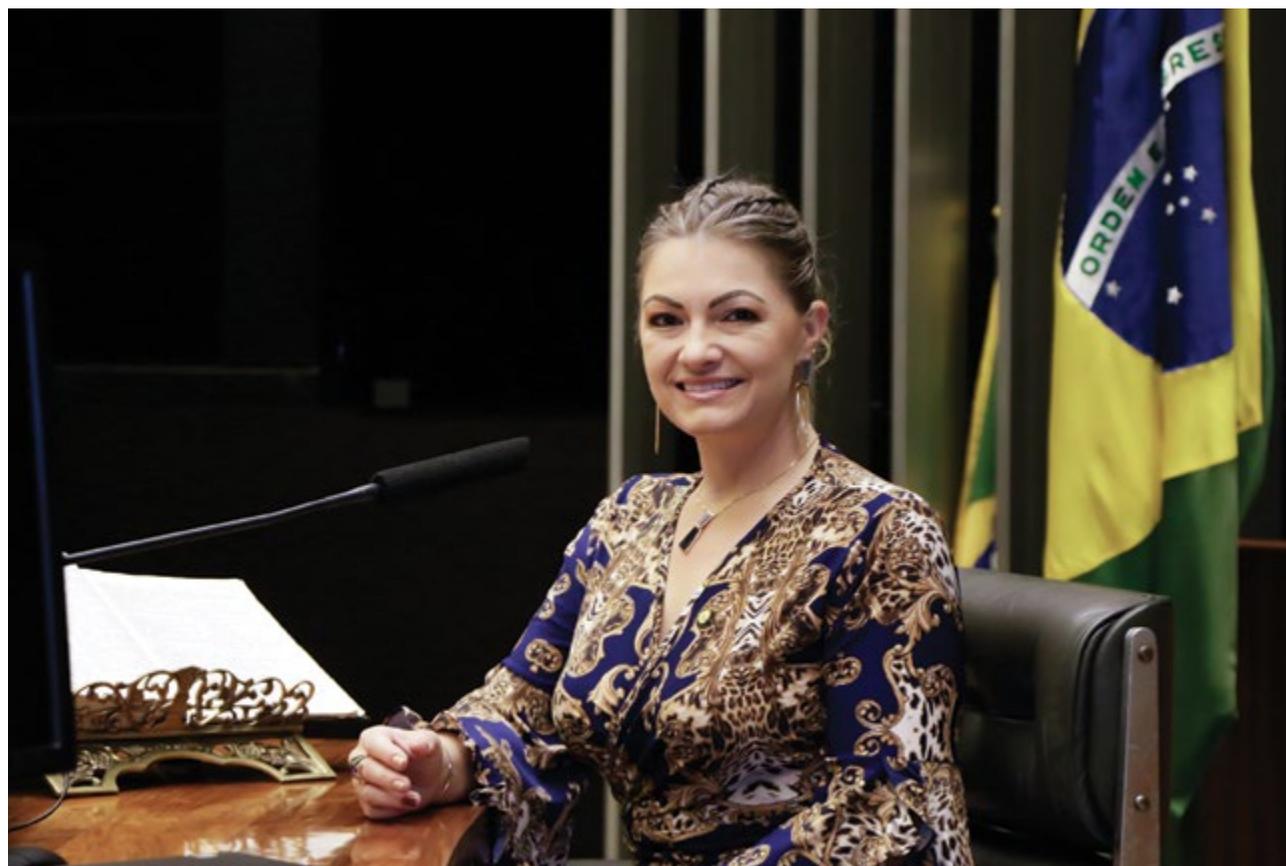
Os paranaenses estão muito bem posicionados no legislativo federal quando o assunto é agronegócio. O Paraná sempre teve representantes nas altas instâncias, como parlamentares de grande influência e gestores que deixaram legado no Ministério da Agricultura e em outros órgãos de governo.

Para dar continuidade a essa tradição, no dia 10 de março, uma representante de Castro, na região dos Campos Gerais, assumiu a presidência da Comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Desenvolvimento Rural (CAPADR) da Câmara Federal. Aline Sleutjes (PSL-PR) está em seu primeiro mandato como deputada federal, mas já foi vereadora no seu

município durante dois mandatos, além de ter concorrido ao cargo de prefeita e vice-prefeita.

Graduada em Educação Física, sua atuação está ligada à área da educação. Mas vinda da “Capital do Leite”, uma região reconhecida pela qualidade e quantidade da produção, o desenvolvimento da agropecuária sempre esteve no seu horizonte. Agora, frente a uma das comissões mais importantes do Legislativo, Aline afirma que pretende lutar para desenvolver ainda mais o setor leiteiro, além de acelerar a tramitação de pautas que permitam o setor se modernizar e desenvolver.

Confira a seguir a entrevista exclusiva concedida ao Boletim Informativo:



Parlamentar paranaense vai pautar as discussões sobre agricultura na Câmara Federal

BI - Qual sua relação com a agropecuária?

Aline Sleutjes - Venho do município de Castro, que se destaca na produção e na qualidade do leite, com mais de 416 milhões de litros e produtividade média de 9 mil litros por vaca/ano. No ano passado, eu presidi o Fórum Nacional de Incentivo à Cadeia Leiteira e, durante seis audiências, ouvi o pequeno, médio e grande produtor, membros das cooperativas e indústria leiteira, técnicos do setor e, por fim, realizamos uma audiência com a ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Tereza Cristina, e o ministro da Economia, Paulo Guedes, que possibilitou a construção de um plano de apoio ao setor leiteiro. Depois disso, mantive grupo de WhatsApp com a presença de vários produtores e com a ministra em que, diariamente, discutimos e alinhamos várias solicitações e encaminhamentos.

Quais serão suas prioridades como presidente da Comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Desenvolvimento Rural?

Como prioridade, temos a questão da cadeia leiteira, que pretendo apoiar para que os produtores consigam superar obstáculos como a falta de previsibilidade da precificação do produto. Pretendo também dar prioridade ao Plano de Incentivo à Cadeia Leiteira, que elaboramos após o Fórum Nacional, realizado em 2020.

Outras matérias que pretendo dar celeridade são as do licenciamento ambiental, para a adequação das atividades produtivas buscando o uso sustentável dos recursos naturais e a manutenção da qualidade do meio ambiente. A regulamentação dos pesticidas também é uma prioridade, pois precisamos aumentar a competitividade agrícola do Brasil no exterior, valorizando a ciência, tecnologia e inovação, pois só assim iremos reduzir os danos causados pelas pragas agrícolas.

Por fim, destaco a questão da regularização fundiária, que vai trazer controle, e para o combate ao desmatamento ilegal na Amazônia, visto que ocorre em áreas não destinadas, florestas públicas e terras devolutas. A sociedade precisa entender que com a regularização fundiária, o valor da terra não deixará de ser cobrado. O que se está dispensando são somente os custos cartorários, como um incentivo à própria regularização, sem impactos aos cofres públicos.

Hoje temos representantes do Paraná em postos-chave para a defesa do agronegócio, como a liderança da Frente Parlamentar da Agropecuária e a presidência da CAPADR. O que os paranaenses podem esperar dessa representação?

Meu objetivo é aprovar o máximo de medidas que ajudem a desenvolver o agro, trabalhando em harmonia com a FPA, as cooperativas, o governo, instituições representativas, para incentivar o cooperativismo, as boas práticas, o desenvolvimento tecnológico e a valorização do homem e da mulher do campo, aumentar a renda da população brasileira, criando

mais empregos e qualidade de vida, evitando o êxodo rural, produzindo segurança alimentar para o país e para o mundo, gerando superávit comercial e estabilidade econômica. Pretendo ser a porta-voz dos trabalhadores e empregadores rurais em Brasília, para desmistificar fábulas sobre a atividade agropecuária. Já foi o tempo em que o agro era visto como vilão. Nós somos o celeiro do mundo e temos que mostrar essa imagem ao exterior.

Vêm ocorrendo muitos questionamentos em relação à aplicação das regras do Código Florestal no bioma Mata Atlântica. Como melhorar a segurança jurídica dos produtores rurais nesse sentido?

A aplicabilidade do Código Florestal na Mata Atlântica tem sido objeto de intensas discussões técnico-jurídicas, especialmente perante aos órgãos ambientais responsáveis pela fiscalização e licenciamento de imóveis rurais localizados nesse bioma. Pretendo abrir um diálogo com o Ministério do Meio Ambiente, Ministério Público do Paraná, em conjunto com o Ministério Público Federal e com a Superintendência do Ibama no Estado para tratar dessa discussão de forma a garantir que o produtor rural possa continuar produzindo com segurança jurídica.

Qual sua posição em relação à flexibilização da venda de terras para estrangeiros?

O projeto aprovado no Senado, de autoria do senador Irajá, prevê a dispensa de autorização para a compra ou posse de imóveis com áreas de até 15 módulos fiscais por estrangeiros. Cidadãos ou empresas de outra nacionalidade poderão comprar essas áreas rurais até o limite de 25% do território do município. Também terá de ser observada a função social da propriedade.

Meu compromisso é de promover debates a respeito da matéria, que, pessoalmente, não sou favorável da forma que está hoje. Porém, como presidente da Comissão de Agricultura, meu trabalho é de promover o debate de forma ampla. Iremos tratar a matéria com toda cautela possível, para que todos os segmentos sejam ouvidos e o parlamento cumpra sua função de avaliar, discutir e votar.

A senhora vem de Castro, uma importante bacia leiteira. Na sua opinião, o que pode ser feito para fomentar e tornar ainda mais competitiva a pecuária do Paraná?

Eu reitero o meu compromisso de que a atividade leiteira se desenvolva com independência, atendendo às normas de controle sanitário, investindo em tecnologia, melhoramento genético de seus rebanhos e na profissionalização de suas propriedades. Temos vários projetos apresentados na Comissão que serão encaminhados para relatorias e também realizarei várias audiências, mesas-redondas e seminários para alavancarmos o setor, incentivando a produção e a abertura de mercado externo.

ECHADO NA GB

os seguintes dizeres: "Interdição — Por ordem do exmo. sr. presidente da República, fica interdita esta dependência, sede do IBAD — Instituto Brasileiro de Atividades Democráticas — até ulterior deliberação da autoridade competente".

o de interven-
tando, contudo,
ário da Justiça
dições de fazer
determinação do

MENTES

rio Amado che-
o IBAD por val-
não encontrado
a nenhum diri-
steu-o o viga-
to de Lima. As
aquela autori-
Foi ainda co-
através com tri-
a cadeado.

RESTRIÇÕES

O governador Carlos Lacerda levantando-se ao parecer, com restrições, do secretário de Justiça, professor Alcindo Sabaar, autorizou fechamento da agência IBAD na Guarabara, atendendo assim à circular ministerial da Justiça, que desaconselha aos governadores de Estado, do decreto presidencial relativo ao assunto. O executor da medida foi o coronel Gustavo Borges, secretário de Segurança Pública, que ontem mesmo mandou fechar a agência sob daquela instituição no Rio.

LIAR É TESE A NA CÂMARA

ara dos Depu-
tada consti-
que trata das
os quatro ora-
à reforma da
lho e Pacheco
neiro, da UDN,
o do deputado

erra vale de ac-
situação, com a
de Mandar a a-
era. Por isso, de
o de terra públi-
tras devolutas ou
vencidas da terra
nderam ser culti-
ode, em absoluto,
o de vida, por
reções depender
fabrisa na conta
vras estradas para
ndação. É preciso
te que não se po-
a estrutura ar-
são através da me-
ciala, de medidas
lamo chamar de
quando como pro-
é São. Já assu-
mpo e a existência
modificação da se-
a que o país pos-
t no seu desenvol-

INDÍGENO

Concluído, renuncia seu pontamento: "O projeto de amendado nº 1 como meio é indiano para a fim. Acredito que as condições de seus subscritores tenham sido os melhores possíveis. Agora, é só esperar a esse resultado. O problema da produção, o problema da melhoria da vida do povo brasileiro entre as faldas da agricultura, não depende exclusivamente da terra, que é um elemento até negligenciável no caso, porque faltaria quase tudo, menos a terra".

CORREÇÃO

Nos últimos dois anos, o Paraná atravessou uma das piores secas da sua história. Nestas circunstâncias, quando a vegetação seca se converte em combustível, os cuidados com os incêndios são redobrados no campo, para que não se repita a calamidade ocorrida em 1963.

Naquele ano, uma equação macabra combinou efeitos climáticos à queima descontrolada de resíduos vegetais (que até então era a prática vigente), resultando em um incêndio de proporções infernais que destruiu pastagens, lavouras, casas e florestas. No total, 2 milhões de hectares foram consumidos pelo fogo, cerca de 10% do território paranaense. 150 pessoas perderam a vida neste episódio, mais de 5,7 mil ficaram desabrigadas e outros milhares sem esperança.

O fogo aproveitou condições espetaculares de propagação. Nos meses anteriores, uma geada severa havia castigado a região Norte do Estado, queimando a folhagem de frio e matando muitos pés de café, que, segundo relatos, eram empilhados e queimados. Naquela época era de praxe utilizar o fogo para "limpar" os terrenos. Mas, com o clima seco prolongado e ocorrência de ventos fortes, o fogo saiu do controle, ocasionando uma tragédia histórica.

Calcula-se que os primeiros focos de incêndio ocorreram em municípios próximos a Londrina, no Norte do Estado, no mês de agosto de 1963. As chamas rapidamente se alastraram para outras regiões em direção aos Campos Gerais, destruindo tudo que encontravam pela frente. Ao todo, 128 cidades foram atingidas. Uma enorme reserva florestal da empresa Klabin, no município de Tibagi, também foi queimada. Estima-se que 500 mil hectares de floresta nativa se perderam neste episódio.

Na época, o governador Ney Braga não tardou decretar estado de calamidade pública no Paraná. Foi solicitada ajuda de Brasília, de outros Estados e até de outros países. O Paraná recebeu equipamentos, alimentos, roupas e outros mantimentos dos Estados Unidos, Itália, Japão, China e Suíça. Conta-se que 48 horas depois de um pedido de Braga ao ex-presidente norte-americano, John Kennedy, chegava em Curitiba um carregamento de leite.

Outros Estados enviaram equipes de combate ao fogo, aviões e helicópteros. O ex-presidente João Goulart foi convidado a vir ao Paraná para ver com os próprios olhos a situação calamitosa. Houve uma grande mobilização de voluntários paranaenses. O Exército montou barracas nas ruas da capital para coleta de sangue, a fim de atender o enorme contingente de queimados. A Secretaria Estadual de Saúde adquiriu todo plasma disponível para atender às vítimas, enquanto a Secretaria Estadual de Educação recomendou que a merenda escolar fosse direcionada aos desabrigados.

Em virtude da tragédia, naquele ano de 1963 foram canceladas as festas do dia da Independência em Curitiba, pois não havia clima para comemorações. Com as estruturas, galpões, máquinas e implementos destruídos pelas chamas, também se transformaram em cinzas os empregos, trazendo impactos sociais negativos para todo Estado.

O fogo estava chegando a Santa Catarina quando a chuva tão esperada caiu e encerrou aquele mar de chamas que durara cerca de um mês. Era o fim do maior incêndio da história do Estado do Paraná.

BRA X EUA: quem leva a melhor?

Brasil é o terceiro maior produtor mundial do cereal, ainda longe do campeão Estados Unidos. Clima, pesquisa, solo e tradição ajudam a entender os motivos

Antonio C. Senkovski

Nas últimas décadas, o Brasil evoluiu rapidamente em índices de produção e produtividade em diversas cadeias. Hoje, o país é referência mundial em soja, frango, laranja, café, peixe, carne bovina, entre outros alimentos, quase sempre em uma disputa acirrada pelo posto de maior produtor mundial com os Estados Unidos (EUA). Mas a ausência do milho nesta lista chama atenção, ainda mais por ser um produto crucial para a agroindústria brasileira. Então, a pergunta que precisa ser respondida é como os níveis de produção e produtividade brasileiros e norte-americanos são tão díspares?

Para se ter ideia da diferença abissal entre as duas potências mundiais, enquanto a produção média nos Estados Unidos ficou em 175 sacas por hectare na safra 2019/20, a média no Brasil fechou em 92 sacas por hectare. Ainda, a produção por lá chegou a quase 346 milhões de toneladas, enquanto os brasileiros colheram 102 milhões de toneladas. Mesmo considerando a área dedicada à cultura, 33 milhões de hectares nos EUA contra 18,5 milhões no Brasil, a diferença impressiona.

Inúmeras particularidades explicam os altos índices de produtividade obtidos no país da América do Norte, a começar pela tradição no consumo do cereal aliado à aplicação da ciência no melhoramento genético (ver gráfico nas páginas 20 e 21).

“Nos EUA, usavam-se variedades de polinização aberta até 1930. Depois





Clima

Clima e geografia também fazem parte da lista que explica as diferenças de produtividade do Brasil e dos Estados Unidos. Os brasileiros plantam milho, de forma significativa, de Norte a Sul. Já no país norte-americano, existe um polo que concentra a maior parte da produção, chamado *Corn Belt* (Cinturão do Milho). Assim, a região produtora dos estadunidenses sofre menos variação climática.

Além disso, o clima dos EUA tem neve e gelo no inverno, o que contribui para eliminar possíveis pragas e doenças na entressafra. Cenário oposto ao do Brasil, com clima temperado e variações muito intensas, com pragas usando pontes verdes para sobreviver entre as temporadas. “Em Estados de transição como o Paraná, temos condições muito diferentes, às vezes, em menos de 100 quilômetros. Imagine então quando se consideram distâncias continentais como as que existem entre produtores do Rio Grande do Sul e do Maranhão ou Mato Grosso”, analisa Ana Paula Kowalski, do Departamento Técnico e Econômico (DTE) da FAEP.

“No Brasil, por termos clima tropical, os solos são naturalmente mais pobres do que os solos dos EUA. Chove muito, o sol é muito forte e isso causa um fenômeno chamado de intemperismo. Isso faz com que sejam mais pobres em nutrientes e com concentração maior de acidez. O grande Cerrado, por exemplo, que é a maior área de produção de grãos hoje, tem solo ácido. Essas áreas eram difíceis de serem cultivadas sem tecnologia, o que persistiu até a década de 1980. Nos EUA se tem solos mais férteis naturalmente”, compara Guimarães, da Embrapa.

A logística é outro fator que pesa contra o milho brasileiro, ainda mais comparado com os Estados Unidos. A logística por aqui é pouco competitiva (ver mais no gráfico das páginas 20 e 21), com estradas antigas, poucas faixas duplicadas e algumas ainda até mesmo sem pavimentação. As ferrovias são raras e muitas ainda com bitola estreita, um fator limitante para o escoamento. As hidrovias são praticamente inexistentes. Com fretes caros, o chamado “Custo Brasil” tira a competitividade, fazendo, muitas vezes, com que o produtor deixe de investir em tecnologias.

disso, pesquisas levaram a usar híbridos simples, duplos e triplos. Passou-se rapidamente para produtividades bem maiores no contexto daquele país”, explica o chefe-adjunto de Transferência de Tecnologia da Embrapa Milho e Sorgo, Lauro José Moreira Guimarães.

Ainda, é preciso lembrar que há uma forte identificação cultural americana com o cultivo do milho. Os nativos americanos, em especial da América Central, cultivavam o cereal antes da chegada dos europeus. “Os Estados Unidos sempre tiveram incentivos e estímulos para produção e melhora da produtividade. Hoje, eles têm um concurso para eleger qual fazendeiro tem

melhor rendimento por área”, cita João Pedro Lopes, analista de inteligência de mercado da StoneX.

O pesquisador da Embrapa enfatiza que a partir da transição de um cultivo menos tecnificado para o uso dos primeiros híbridos, nos anos 1930, o milho cultivado em território norte-americano passou a responder melhor ao uso de tecnologia nas lavouras. Algo que só entraria com força nas plantações brasileiras a partir dos anos 1970. “No Brasil, historicamente, temos o milho associado a uma agricultura de subsistência, de pequenas lavouras cultivadas de forma incipiente em termos de tecnologia e também em termos de sementes”, completa Guimarães.

Copa do Milho

Veja quais são os “jogadores” escalados para essa partida, na qual o Brasil precisa driblar uma série de percalços para ser competitivo e garantir o abastecimento do cereal no mercado interno e até mesmo exportar o excedente

BRASIL

Área (ha)	18,5 mi
Localização	dispersa
Produção* (ton)	102 mi
Produtividade (por ha)	92 sacas
Logística (ranking**)	78º
Rodovias (ranking**)	116º
Custo frete 2017 (ton)	US\$ 90



* Safra 2019/20 | ** Ranking de 140 países



Solo: típico de clima tropical, com menor fertilidade natural, maior acidez e com diversidade de classes de solo;



Clima: mais quente, o que proporciona maior pressão de pragas e doenças que usam ponte verde de culturas para sobreviver de um ano para o outro;



Sementes: desenvolvimento de variedades começou com mais relevância nos anos 1980;



Relevo: lavouras em áreas diversas, com planícies no Cerrado, mas plantio representativo em regiões do país com relevo ondulado;



Logística: quase todo transporte feito por caminhões, muitas rodovias ainda sem pavimento e várias esburacadas e antigas.

Mapa da produção

Veja onde está concentrado o cultivo de milho no Brasil e Estados Unidos





EUA

32,9 mi	Área (ha)
concentrada	Localização
345,9 mi	Produção* (ton)
175 sacas	Produtividade (por ha)
13º	Logística (ranking**)
17º	Rodovias (ranking**)
US\$ 26	Custo frete 2017 (ton)

Fonte: Fórum Econômico Mundial | Anec (2018)



Solo: bem estruturado naturalmente, mais uniforme e com altos níveis de matéria orgânica;



Clima: apenas uma safra e inverno rigoroso, com neve e gelo que eliminam muitas pragas e doenças;



Sementes: melhoramento genético desde os anos 1930;



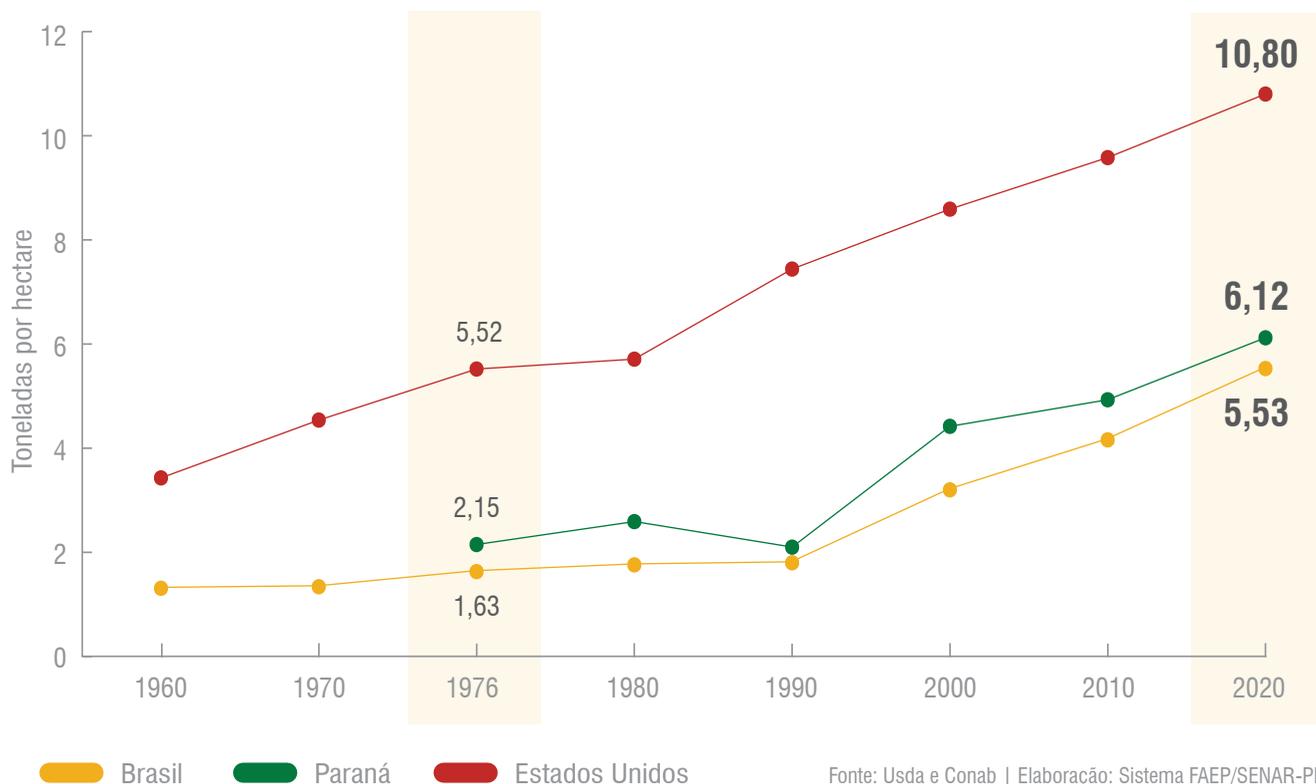
Relevo: lavouras do Meio Oeste predominantemente em áreas planas e de fácil mecanização;



Logística: transporte feito via hidrovias, ferrovias e rodovias, com infraestrutura de destaque internacional;

Escalada do milho

Confira como a evolução da produtividade do milho em solo brasileiro ocorre em ritmo forte, mas ainda muito distante da linha de crescimento das lavouras norte-americanas



“Temos espaço para crescer bastante em produtividade. Existem estudos, por exemplo, de fertilidade de solo e milho irrigado”

Lauro José Moreira Guimarães,
pesquisador da Embrapa Milho e Sorgo

Diversificação

Apesar de ainda estar longe dos Estados Unidos em produção e produtividade, o Brasil é o terceiro maior produtor mundial, atrás também da China (260,1 milhões de toneladas em 2019/20). As mais de 100 milhões de toneladas que os brasileiros colhem são cruciais para movimentar a cadeia de proteínas animais.

“A demanda fica mais restrita à ração animal, que é usada internamente ou exportada. Nossa indústria de etanol, que nos Estados Unidos é bem desenvolvida, está num processo de crescimento”, analisa Lopes, da StoneX.

Justamente nesse processo de diversificação do uso do milho que está a aposta para o crescimento em área, produção e produtividade do cereal em terras brasileiras. “No Paraná, a produção já consegue rendimentos

melhores. Há espaço para aumentar a área de milho e para o desenvolvimento genético, criação de novas variedades, mais adaptadas ao clima tropical. Então, pode ser que a produção de milho comece a se aproximar mais dos Estados Unidos”, prevê Lopes.

Para Guimarães, da Embrapa, os agricultores que conseguem o feito de, na média, 100 sacas por hectare, mesmo com as diversas intempéries, devem servir de referência. Ainda mais considerando o fato de que 75% das lavouras de milho são cultivadas na segunda safra, ou seja, fora da janela ideal, com maior disponibilidade de chuvas e luminosidade. “Apesar disso, obviamente, temos espaço para crescer bastante em produtividade, principalmente com base em estudos de fertilidade de solo, milho irrigado, controle de pragas adequado por transgenia e outros métodos”, revela.

Pesquisa inclui até plantio antes da colheita

Um dos estudos que a Embrapa Milho e Sorgo vem conduzindo, nos últimos 13 anos, propõe antecipar o plantio da safrinha em algumas semanas, antes mesmo de colher a soja. O Sistema Antecipe é um método de cultivo intercalar que conta com uma semeadora-adubadora capaz de plantar o cereal com a soja ainda na lavoura.

Na prática, com a soja em enchimento de grão (estádio R5), é possível semear o milho. Na hora de colher a oleaginosa, a colheitadeira corta uma parte da planta milho, mas são mantidas folhas e raízes, o que faz a planta brotar e seguir seu desenvolvimento normalmente.

Em 2021, a Embrapa Milho e Sorgo, a Embrapa Soja e a Jumil (que desenvolveu uma plantadora possível de ser fabricada em escala) estão fazendo testes em áreas maiores. Até então, a semeadora era um protótipo, com colheita em áreas experimentais.

“Sobre resultados, tudo vai depender de clima. Se tiver uma escassez hídrica forte, essas diferenças vão se intensificar. É esperado que se tenha ganhos com essa antecipação”, antevê Lauro Guimarães, chefe adjunto de Transferência de Tecnologia da Embrapa Milho e Sorgo.

Há outras frentes de pesquisa que podem ampliar produção e produtividade de milho no Brasil. O pesquisador lista elementos como inoculantes com bactérias complementares capazes de estimular o crescimento radicular da planta e aumentar a absorção de fósforo. Há ainda inseticidas biológicos, controle biológico via inimigos naturais, entre outras tantas pesquisas.

“Todo esse rol de bioinsumos está transformando a agricultura do Brasil. Estamos demonstrando que se pode produzir muito, com eficiência e de forma sustentável”, defende o pesquisador da Embrapa.



Por Ana Paula Kowalski
Técnica
DTE - Sistema FAEP/SENAR-PR

Franco desenvolvimento do milho

O Brasil é o celeiro do mundo. Isso nunca foi tão evidente quanto neste cenário de pandemia. O país tem garantido o abastecimento interno e de diversas nações. No caso do milho, isso não é diferente. Em 2020, o Brasil exportou o cereal para 90 países, mesmo consumindo internamente cerca de 67% de sua produção. Dentre os três principais produtores mundiais de milho, o Brasil foi de longe o que mais aumentou sua participação nas exportações mundiais, de 8,4 milhões de toneladas na safra 2010/11 para 35,5 milhões na temporada 2019/20, 322% de aumento de acordo com dados do Usda.

Isso só foi possível graças ao crescimento em área e produtividade, na ordem de 75% em ambos os casos. Cabe destacar que a área que mais cresceu foi a de 2ª safra, cultivado da metade do verão até final do outono e que a partir da safra 2011/2012 passou a ser predominante no país. O milho é uma das culturas mais plurais, sendo base para produtos utilizados na indústria química, alimentícia, bebidas, fermentação e especialmente ração. Para atender essa demanda, o aumento do nível tecnológico a campo tem sido fundamental, especialmente para uma produção concentrada na 2ª safra, que possui maior risco que a 1ª safra.

O melhoramento de sementes, manejo e adubação do solo, manejo de pragas e doenças estão em constante evolução, mas sempre surgem desafios a superar, além das adversidades climáticas que são de difícil controle. Uma das principais pragas atualmente, a cigarrinha do milho, e o complexo de enfezamentos, vêm causando perdas expressivas para a cultura e não há medida curativa ou que de forma isolada tenha resultado efetivo. O manejo de plantas daninhas resistentes, especialmente ao glifosato, e colheitas mais eficientes também são pontos de atenção para alcançar melhores produtividades.

O outro lado da moeda

Dólar valorizado encarece insumos importados como defensivos e fertilizantes. Mesmo assim, relação de troca por grãos mantém vantagem para o produtor

Com os produtos da safra de inverno já adquiridos e prontos para ir a campo, o produtor que tem ido às compras planejando a próxima safra de verão (2021/22) tem se surpreendido com o aumento do preço dos insumos, em especial de fertilizantes e agroquímicos. Do mesmo modo que a desvalorização do real vem permitindo ganhos expressivos com a exportação de soja e milho em dólar, também onera na hora de adquirir produtos importados.

“Tinha um produto para algodão que assustou. Fiz uma compra em fevereiro que paguei R\$ 50 o litro. Um mês depois estava R\$ 58, deu quase 20% de aumento. No geral, os aumentos são meio repicados, não tem aquela alta generalizada, mas aos poucos”, observa o produtor e presidente do Sindicato Rural de Cambará, na região do Norte Pioneiro, Aristeu Sakamoto.

A percepção do dirigente reflete os números do mercado. Segundo o analista de insumos agrícolas do Rabobank Brasil Matheus Almeida, no caso dos agroquímicos, a desvalorização do câmbio foi a responsável pela alta nas prateleiras. “De modo geral, o que se

viu no mercado de defensivos foi uma queda no custo em dólar de 16%, mas, em real, um aumento na casa de 15% a 20%”, afirma.

Segundo Almeida, a queda no preço destes produtos em dólar se explica por alguns fatores. “Entramos em 2020 com estoques um pouco elevados. Também temos a forte concorrência interna e a entrada de novos *players* neste mercado. Só no ano passado, 493 produtos novos foram registrados no Brasil. Então isso acabou restringindo e limitando os reajustes dos preços em dólar”, observa.

Quando analisados os dados da produção paranaense coletados por meio do Projeto Campo Futuro, da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), é possível notar até um certo recuo no custo dos defensivos. Na região de Guarapuava, Centro-Sul, a soma dos gastos com herbicidas, inseticidas e fungicidas em uma propriedade modal de soja foi de R\$ 900,70 por hectare em janeiro de 2021. O custo dos mesmos produtos no mesmo mês de 2020 foi de R\$ 916,45.



Adubação

No que se refere aos fertilizantes, a conta ficou ainda mais cara para o produtor. De acordo com o levantamento do Projeto Campo Futuro, em janeiro deste ano, em uma propriedade modal no município de Cascavel, Oeste, o custo estimado de adubação da safrinha de milho foi 42% superior ao ano anterior, passando de R\$ 641 por hectare em 2020 para R\$ 910 em 2021. No caso da propriedade modal de Cascavel, o fertilizante tem peso de 28% no custo operacional do produtor. Nesse caso, o custo operacional da safrinha de milho este ano foi 8% maior que o anterior.

Segundo a técnica Ana Paula Kowalski, do Departamento Técnico e Econômico (DTE) da FAEP, isso não é exclusividade do Paraná, pois o Brasil é dependente da importação das matérias-primas para fabricação dos fertilizantes e defensivos agrícolas que utiliza em sua produção. “Se por um lado o nosso real desvalorizado e a conjuntura favorável têm mantido os preços dos grãos elevados, por outro, o valor de importação dos insumos também teve aumento expressivo. Portanto, a margem líquida de cada produtor depende dos preços, das tendências de mercado e do planejamento da comercialização e aquisição de insumos”, afirma.

“Olhando a relação de troca [do milho e da soja], diria que é a melhor dos últimos dez anos. Muito favorável para o produtor”

**Matheus Almeida,
analista do Rabobank**



Esta estratégia ganha relevo adicional quando observados os recentes movimentos de mercado. “Quando olhamos para frente, o produtor que não travou sua compra de fertilizantes tende a sofrer um impacto maior, pois os preços no mercado internacional subiram muito em janeiro e fevereiro, na ordem de 50%”, afirma o analista do Rabobank Brasil.

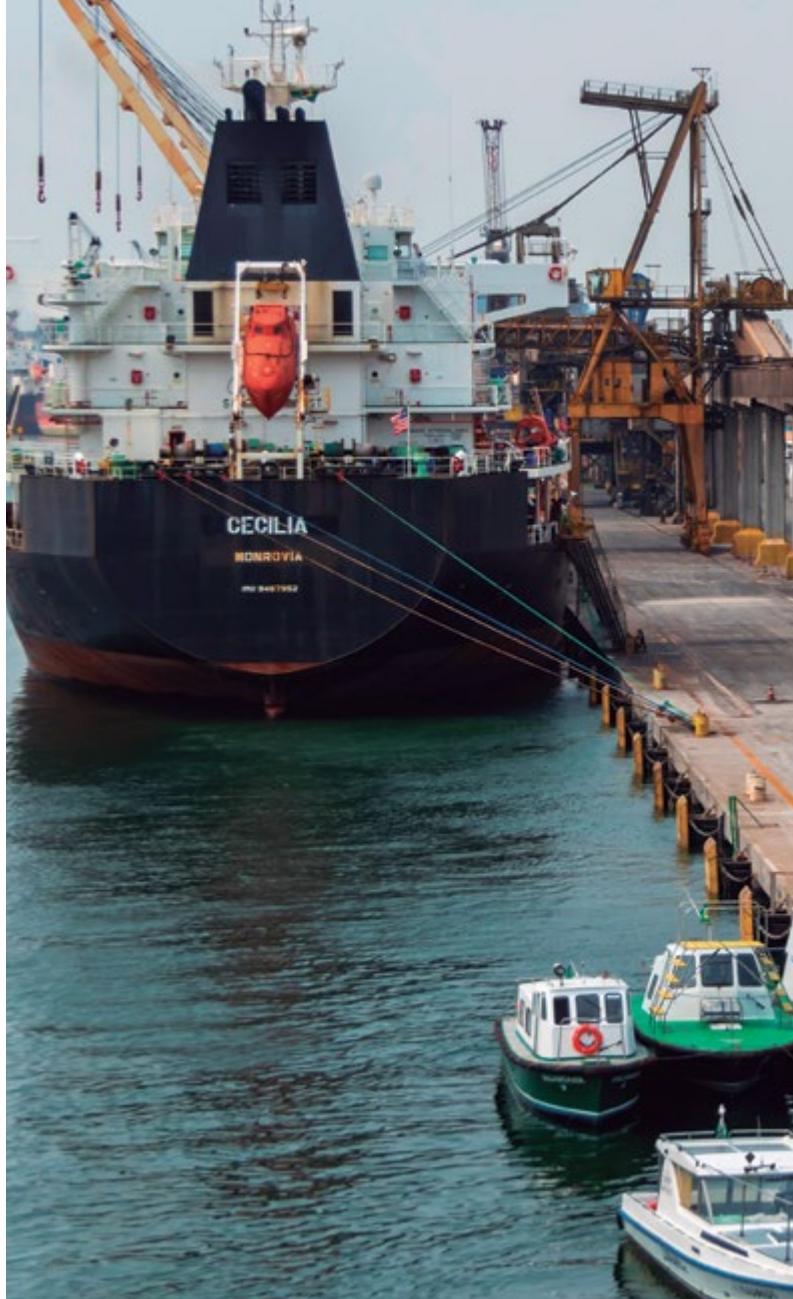
Segundo ele, esse movimento tem explicação adicional além da desvalorização do câmbio. “É o mercado internacional que está ditando esse movimento. O preço em dólar [dos fertilizantes] está subindo no mercado, pois é o momento dos Estados Unidos e da Europa irem às compras. Além disso, o produtor está mais capitalizado e disposto a investir um pouco mais na lavoura”, analisa Almeida.

Em face desse cenário, é fundamental que o produtor tenha planejamento e antecipe suas compras para não ficar exposto às variações bruscas do mercado. “Aqui na região vejo que o pessoal já comprou os insumos de forma antecipada. Além da questão do preço, você precisa garantir a disponibilidade do produto, para quando chegar a hora do plantio estar no barracão”, observa o presidente do Sindicato Rural de Toledo e da Comissão Técnica (CT) de Cereais, Fibras e Oleaginosas da FAEP, Nelson Paludo.

NPK

Dentre os fertilizantes, o grupo dos fosfatados foi o que mais subiu, relata o analista de insumos do Rabobank Brasil. “No cenário externo, a demanda apareceu mais forte que o esperado. Os Estados Unidos estão com tarifa de importação para os produtos fosfatados do Marrocos e da Rússia. Isso fez com que eles entrassem muito fortes comprando no mercado. Os preços saíram de US\$ 390 a tonelada em dezembro de 2020 para US\$ 620 na primeira semana de março de 2021”, afirma Almeida.

Para o cloreto de potássio, segundo ele, o aumento nos dois primeiros meses do ano foi na casa de 20%, saindo de US\$ 245 a tonelada em dezembro de 2020 para cerca de US\$ 300 em março de 2021. A ureia experimentou recuperação de preço de 40% nesse período, passando de US\$ 280 a tonelada para US\$ 395.

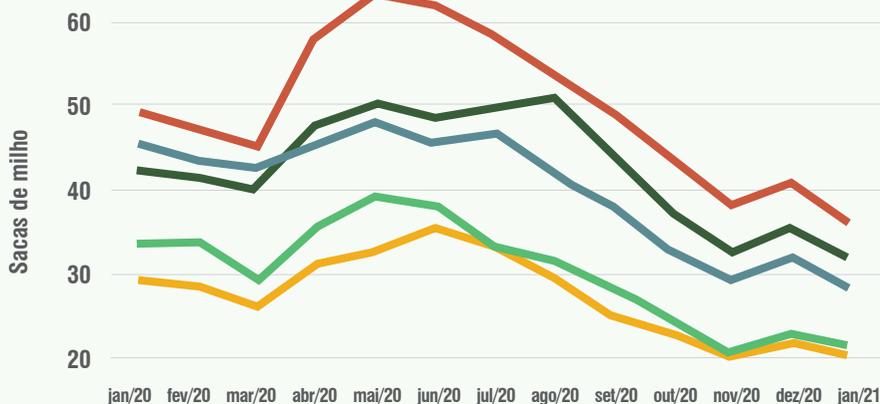


Moeda brasileira desvalorizada impactou o custo dos insumos importados

“A administração de uma propriedade se faz com resultados. E para ter resultado tem que vender bem e comprar bem também”

Nelson Paludo,
presidente da CT de Grãos da FAEP

Relação de troca - Fertilizantes



KCl (cloreto de potássio) - 60% K2O

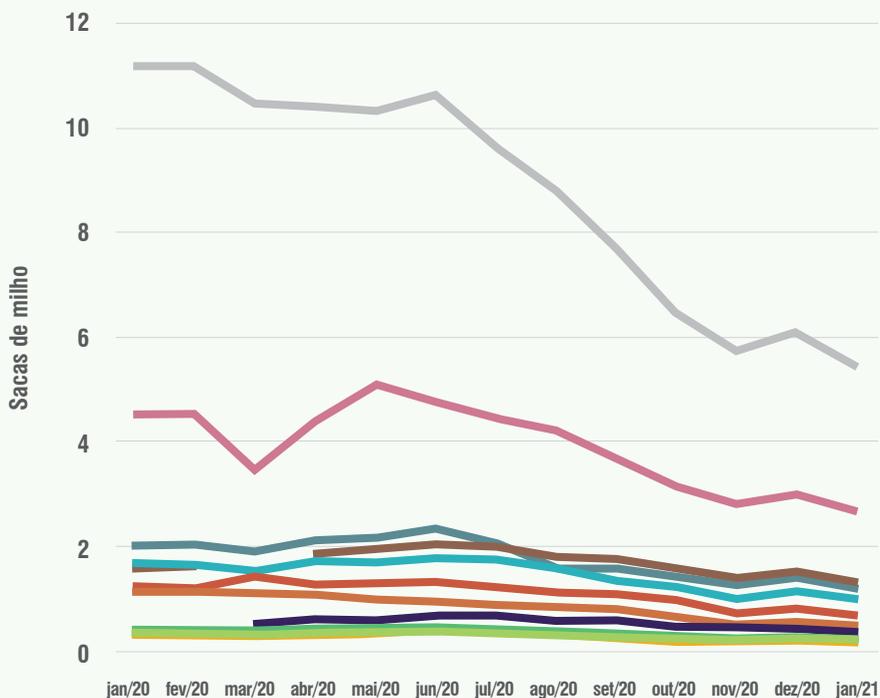
MAP (11-52-00)

Uréia (45% N)

Sulfato de amônio - 20% N

Super Simples - 18% a 20% P2O5

Relação de troca - Defensivos



Pyraclostrobin 133 + Epoxiconazol 55

Carboxina + Thiram (TS)

2,4 D 806

Atrazina 500

Atrazina 500 Genérico

Clorimuron Etilico

Glifosato 480

Clorimuron Etilico Genérico

Imazetapir Genérico 100

Lufenurum

Tiametoxam 700 (TS)

Cipermetrina 250

Fonte: Projeto Campo Futuro (CNA)

Apesar das altas, troca ainda é favorável para o produtor

Apesar do aumento do preço dos fertilizantes e agroquímicos, a relação de troca por sacas de soja e de milho se mostra bastante favorável para o agricultor. De acordo com o Campo Futuro, hoje a relação está em torno de 28 sacas de milho por tonelada de KCl (cloreto de potássio) e 31,5 sacas por tonelada de ureia. Para efeito de comparação, em janeiro de 2020, essa relação estava por volta de 45 e 42 sacas, respectivamente.

Do lado dos agroquímicos, a conta também está boa para quem produz. Em janeiro deste ano, a relação de troca do Glifosato, um dos herbicidas mais utilizados nas lavouras paranaenses, era de 0,23 saca de milho por uma unidade do produto. Em janeiro de 2020, essa relação era de 0,36 saca por unidade. Da mesma forma, inseticidas como Cipermetrina e Tiametoxam, que eram trocadas na proporção de 1,14 e 11,15 sacas de cereal por unidade do produto no início de 2020, hoje são trocadas por metade desta quantidade, 0,51 e 5,44 sacas por unidade, respectivamente. Ou seja, menos sacas compram muito mais produtos atualmente.

“O preço do milho subiu bastante, acredito que um pouco mais que os insumos. Mas sabemos que quando o milho quanto a soja sobem, tendem a estabilizar e já caem de preço. Mas os insumos sobem e não caem de preço na mesma velocidade”, observa Nelson Paludo, produtor de Toledo.

Segundo ele, é fundamental que o produtor conheça os números do seu negócio. “A estratégia é sempre verificar quantas sacas de soja você precisa para pagar o custo do hectare. Então, o produtor precisa estar atento às possibilidades de fazer uma boa troca do insumo pelo produto da venda. A administração de uma propriedade se faz com resultados. E para ter resultado tem que vender bem e comprar bem também”, finaliza Paludo.

Produtor aumenta renda com implantação de MIP

Wagner Viniarski, do Sudoeste, participou do curso do SENAR-PR e aplicou técnicas de manejo em 310 hectares de soja



Leandro Alegransi,
instrutor do SENAR-PR

O Manejo Integrado de Pragas (MIP) é uma prática referência no Paraná pelos excelentes resultados alcançados em rentabilidade e sustentabilidade. Diante dos benefícios, os agricultores estão implementando o MIP em grande parte das lavouras, principalmente na cultura da soja.

O produtor **Wagner Viniarski** possui 150 hectares da oleaginosa nos municípios de Clevelândia e São Domingos, na região Sudoeste, e aplicou o MIP, pela primeira vez, em toda a extensão de suas lavouras durante a capacitação do SENAR-PR. No curso de MIP-Soja, realizado em parceria com Embrapa e Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná (IDR-PR), a orientação é reservar, no mínimo, cinco hectares da cultura para serem conduzidos com as técnicas do Manejo Integrado de Pragas.

“Geralmente os participantes reservam uma parte da lavoura para aplicar as técnicas. Mas eu vi os estudos que comprovam os benefícios, os resultados de outros cursos. Confiei que podia fazer em toda a propriedade”, relata o produtor rural.

Simultaneamente ao curso do SENAR-PR, o produtor também aplicou as técnicas do MIP em outra propriedade que administra junto com o pai, em Palmas, no Centro-Sul do Estado. “Tudo que ia aprendendo com o curso e aplicando em Clevelândia, fui fazendo em Palmas”, complementa. Ao todo, somando a área das propriedades, foram 310 hectares de soja que, ao fim do ciclo 2020/21, não tiveram uso de inseticida.

“Antes do curso, eu tinha interesse nesse manejo mais sustentável e já aplicava somente inseticida fisiológico nas lagartas na lavoura em Palmas. Como eu já fazia a redução de químicos lá, decidi fazer em Clevelândia. Foi quando procurei o curso do SENAR-PR”, aponta.

Os resultados de Viniarski comprovam o sucesso da técnica. Na média de Clevelândia, São Domingos e Palmas, o produtor colheu 78 sacas por hectare. Na área efetivamente inscrita na capacitação para a análise dos dados (24 hectares), a média fechou em 85 sacas por hectare. “Foi o meu melhor ano de colheita”, comemora. Na safra anterior, a produtividade média das propriedades de Viniarski atingiu 66 sacas de soja por hectare.

A economia com aplicação de defensivos também surpreendeu o produtor, comprovando os benefícios das técnicas do MIP. Foram economizados cerca de R\$ 125 por hectare, o que corresponde a mais de R\$ 37 mil. A redução de gastos no manejo e o aumento de produtividade resultaram em maior rentabilidade para o produtor rural.

“Não imaginava que seria um manejo tão simples. O curso do SENAR-PR é prático para aprender, tem muitas dicas de como reconhecer os inimigos naturais e informações importantes sobre os estágios da planta. Eu não sabia que existem tantos insetos que são inimigos naturais e podem nos ajudar e, que usar inseticida sem necessidade, vai acabar eliminando esses insetos, o que causa desequilíbrio e pode piorar a situação”, destaca Viniarski, que agora pretende fazer o curso “Manejo Integrado de Doenças da Soja (MID-Soja)” do SENAR-PR.

“Eu avalio o MIP como uma prática de extrema importância para uma lavoura mais saudável e produtiva. Quanto mais pessoas puderem participar do curso e difundirem essa técnica, melhor. Além da economia com inseticidas, o produtor vai ajudar a cuidar do meio ambiente”, avalia.

MIP-Milho com inscrições abertas

Com o andamento do plantio do milho safrinha no Paraná, o SENAR-PR deu início ao curso “Manejo Integrado de Pragas (MIP) – Milho”. O prazo para as inscrições depende da janela de cultivo em cada região, pois, é necessário um monitoramento pré-plantio para avaliação da presença de insetos. Em regiões como Oeste, Sudoeste e algumas áreas do Norte, o plantio já foi realizado e 20 turmas da capacitação estão em andamento.

O curso inicia com um dia de aula teórica, seguido de uma análise a campo no pré-plantio. Ainda, ocorrem oito monitoramentos durante a safrinha com intervalos de três dias, seguindo as orientações do protocolo técnico de monitoramento.

O pré-requisito para esse curso é ter sido aprovado no curso “MIP-Soja”. Mais informações e inscrições na seção Cursos do site www.sistemafaep.org.br.

R\$ 125

por hectare foram economizados pelo produtor diante da redução na aplicação de inseticidas

MIP-Soja em formato híbrido

Devido à pandemia do novo coronavírus, o curso “Manejo Integrado de Pragas (MIP) – Soja” do SENAR-PR foi adaptado para um modelo híbrido. O novo formato foi a campo, pela primeira vez, na safra 2020/21, após reformulação para atender a necessidade de distanciamento social. No total, foram 51 turmas em formato híbrido distribuídas pelo Estado.

Nesse novo formato, o conteúdo teórico foi reformulado para melhor atender a modalidade Educação a Distância (EaD). Antes do plantio, foram oito horas de aulas teóricas *online* divididas em dois dias. Em seguida, quatro horas de aulas práticas em grupos de até quatro pessoas e participação do instrutor. Os encontros para o monitoramento da lavoura aconteceram durante 15 semanas, somando 30 horas-aula, e também em grupos de até quatro pessoas, respeitando todos os protocolos de saúde e orientações de distanciamento social. Antes da adaptação por conta da pandemia, a capacitação contava com 16 horas de aulas teóricas em formato presencial para todos os participantes e, na sequência, 16 semanas de monitoramentos acontecendo na propriedade, com grupos de até quatro pessoas.

Para complementar o conteúdo teórico, foram disponibilizados para os alunos cinco vídeos da Embrapa Soja: manejo de pragas no período vegetativo, principais pragas da cultura da soja, controle biológico de pragas da soja, boas práticas para colheita de soja e manejo de plantas daninhas na entressafra.

“Foi uma novidade para vários produtores, mas, no final, os resultados foram positivos, pois todos se adaptaram bem ao novo modelo. Foi a forma que conseguimos com que o curso acontecesse mesmo com a pandemia”, avalia a técnica do Departamento Técnico (Detec) do Sistema FAEP/SENAR-PR Flávia Medeiros.

No momento, o curso não está com inscrições abertas, por conta do fim da safra de verão. A tendência é que o modelo híbrido siga na safra 2021/22 para atender os protocolos de segurança diante do decorrer da pandemia. Mais informações no site www.sistemafaep.org.br, na seção Cursos.

Mercado sinaliza recuperação do preço dos lácteos

Com mudança no mix de comercialização, setor começou a reagir, após quedas consecutivas

Após quedas consecutivas entre o fim de 2020 e o início deste ano, o setor de lácteos do Paraná começou a esboçar reação em março. As indústrias reduziram as apostas no queijo muçarela, que vinha em franca desvalorização, voltando a produção a outros derivados que estavam com melhor desempenho no mercado. A projeção é de que o valor de referência do leite padrão – usado como base na negociação entre produtores e a indústria – avance 1,78%, chegando a R\$ 1,6045. Os números foram apresentados durante reunião do Conselho Paritário Produtores/Indústrias de Leite do Paraná (Conseleite-PR), no dia 23 de março, por videoconferência.

Uma das chaves para a recuperação dos preços foi a mudança no *mix* de comercialização dos lácteos. Em dezembro, o muçarela respondia por mais de 50% dos produtos comercializados. Com os preços desse derivado despenhando mês a mês, as indústrias reduziram a produção do item, de modo que a participação do muçarela caiu para 43,7% do *mix*. Paralelamente, produtos como leite spot, UHT e leite em pó – que estavam com preços em valorização – ganharam espaço.

Nos dois produtos mais comercializados – o muçarela e o UHT –, o comportamento foi semelhante: o preço médio de ambos os derivados sofreu

uma queda acentuada em fevereiro, mas demonstrou tendência de recuperação em março. No caso do UHT, a alta recente fez com que o produto superasse o patamar que estava em janeiro. No caso da muçarela, apesar da reação expressiva, o preço ainda está bem abaixo dos verificados nos meses anteriores.

“Para os próximos meses, temos que considerar um outro fator, a nova entrada do auxílio emergencial, que vem em valor menor ao pago no ano passado. Vamos ver de que forma isso impacta no mercado de lácteos”, disse o presidente do Conseleite-PR, Ronei Volpi, que representa a FAEP no colegiado.

VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE* - JANEIRO/2021 e FEVEREIRO/2021

Matéria-prima	Valores finais em Janeiro/2021	Valores finais em Fevereiro/2021	Variação (Fevereiro - Janeiro)	
	(leite entregue em Janeiro a ser pago em Fevereiro)	(leite entregue em Fevereiro a ser pago em Março)	Em valor	Em %
Leite PADRÃO (R\$/Litro)	1,6737	1,5695	-0,1042	-6,23%

VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE* - FEVEREIRO/2021 e MARÇO/2021

Matéria-prima	Valores projetados Fevereiro/2021	Valores projetados Março/2021	Variação (Março - Fevereiro)	
	(leite entregue em Fevereiro a ser pago em Março)	(leite entregue em Março a ser pago em Abril)	Em valor	Em %
Leite PADRÃO (R\$/Litro)	1,5765	1,6045	0,0280	1,78%

Para o leite pasteurizado o valor projetado para o mês de março de 2021 é de **R\$ 2,8367/litro**.

Em função da atualização dos parâmetros técnicos utilizados para os cálculos do valor de referência, desde janeiro de 2020, somente são publicados os valores atualizados.

O campo em luto



Euclides Scalco

Três lideranças que se dedicaram a defender os interesses dos produtores paranaenses faleceram em março. O ex-ministro Euclides Scalco faleceu aos 88 anos, no dia 16 de março, em Curitiba, por complicação em decorrência da Covid-19. Ao longo da sua vida pública, Scalco foi vereador, prefeito de Francisco Beltrão, deputado federal por três mandatos, suplente de senador, ministro-chefe da Casa Civil no governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso em 1999, além de chefe da Casa Civil no Governo do Paraná e diretor-geral da Itaipu Binacional.



Manoel Campinha Garcia Cid

No dia 18 de março, faleceu aos 82 anos, em Londrina, Manoel Campinha Garcia Cid (conhecido como Neco Garcia), ex-presidente da Sociedade Rural do Paraná (SRP). Neco estava em tratamento de um câncer havia dois anos. Entre as principais funções que desempenhou durante a vida estão a presidência da SRP nos períodos de 1970-76 e 1996-97, além de ter sido também presidente do Banestado.



Moacir Pereira Cruz

No dia 24 de março, faleceu Moacir Pereira Cruz, presidente do Sindicato Rural de Cândido de Abreu e integrante da Comissão Técnica de Bovinocultura de Corte da FAEP, aos 62 anos por complicações decorrentes do novo coronavírus. Produtor de gado de corte, soja e milho, Cruz sempre foi atuante no sistema sindical paranaense.

A FAEP registra profundo pesar e presta condolências aos familiares de Scalco, Neco Garcia e Cruz.



Painéis solares no CTA de Assis

Na segunda quinzena de março, começou a instalação de painéis solares no Centro de Treinamento Agropecuário (CTA) de Assis Chateaubriand. Ao todo, 370 placas serão instaladas em 500 metros quadrados. De acordo com a administradora do CTA, Nayara Franzoi, a previsão inicial é de que o serviço esteja pronto ainda no primeiro semestre. A benfeitoria vai proporcionar a geração de 135kWp.

Embalos na exportação de mel

No início de 2021, o Paraná está com as exportações de mel aquecidas. Nos dois primeiros meses do ano, os paranaenses enviaram ao exterior mais de 2 mil toneladas do produto, que injetaram US\$ 6,3 milhões na economia estadual. O preço médio da tonelada de mel vendida ao exterior ficou em US\$ 3,1 mil. Em relação a igual período do ano passado, houve aumento de 32% no volume exportado e de 133% no faturamento graças aos bons preços praticados no mercado internacional.



CASCAVEL

MULHER ATUAL

No dia 12 de fevereiro, aconteceu a abertura do curso “Mulher Atual” no Sindicato Rural de Cascavel. A instrutora Fabiola Ferrari conduziu uma turma de oito mulheres, que vão participar dos encontros ao longo da capacitação.



GUARAPUAVA

TÉCNICAS DE NEGOCIAÇÃO

O curso “Gestão – Técnicas de negociação” foi ministrado pelo instrutor Sandro Pio no Sindicato Rural de Guarapuava. O treinamento aconteceu nos dias 4 a 12 de fevereiro e capacitou sete alunos.



JACAREZINHO

VEÍCULOS DE EMERGÊNCIA

O instrutor Maurinei Benedito Igerski, nos dias 18 e 19 de fevereiro, capacitou quatro pessoas no curso “Condutores de veículos de emergência - reciclagem”. O evento foi promovido no Sindicato Rural de Jacarezinho.



JUSSARA

COLHEDORA DE CANA

Em parceria entre a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná e o Sindicato Rural de Cianorte, nos dias 25 de janeiro a 5 de fevereiro, foi ofertado o curso “Colhedora de cana de açúcar”. O instrutor Sinaldo Alves capacitou dez colaboradores durante o treinamento.



NOVA LONDRINA

OPERAÇÃO DE TRATORES NR 31.12

Nos dias 15 a 19 de fevereiro, o Sindicato Rural de Nova Londrina, em parceria com a Cia Melhoramentos, realizou o curso “Operação e manutenção de tratores agrícolas - NR 31.12”. O responsável por ministrar a capacitação para oito colaboradores foi o instrutor Rodrigo Ferrari.



SALGADO FILHO

OPERAÇÃO DE DRONES

A capacitação “Agricultura de precisão - Operação de drones” foi ofertada no Sindicato Rural de Francisco Beltrão em parceria com a Secretaria de Agricultura de Salgado Filho. No total, oito alunos participaram do curso ministrado pelo instrutor Arnaldo Antunes dos Santos Neto.



UBIRATÃ

APICULTURA

Entre os dias 7 a 10 de dezembro de 2020, o Sindicato Rural de Ubatã realizou o curso “Trabalhador na apicultura - apicultura I”, em parceria com Associação dos Apicultores. O instrutor Ramon Ponce ministrou o treinamento para sete participantes.



NOVA LONDRINA

OPERAÇÃO DE TRATORES NR 31.12

O instrutor Evaldo Moreira da Silva conduziu o treinamento de “Operação e manutenção de tratores agrícolas - NR 31.12” no Sindicato Rural de Nova Londrina, em parceria com a Cia Melhoramentos. Oito colaboradores participaram do curso nos dias 15 a 19 de fevereiro.

VIA RÁPIDA



Últimos mamutes

Os mamutes, famosos mamíferos pré-históricos, existiram até o fim da construção das pirâmides do Egito. Antes de serem extintos, os animais viveram na ilha de Wrangel, na Rússia, 4 mil anos atrás, mesma época da construção da famosa Pirâmide de Quéops, em Gizé, a mais antiga das Sete Maravilhas do Mundo Antigo.

Torta holandesa brasileira

Apesar do nome, a famosa sobremesa feita à base de bolachas, creme branco e cobertura de chocolate foi inventada em Campinas, em São Paulo, no início dos anos 90. Segundo a inventora Silvia Leite, a torta holandesa foi criada para servir na confeitaria que tinha na época e o nome é uma homenagem ao tempo em que viveu na Europa.



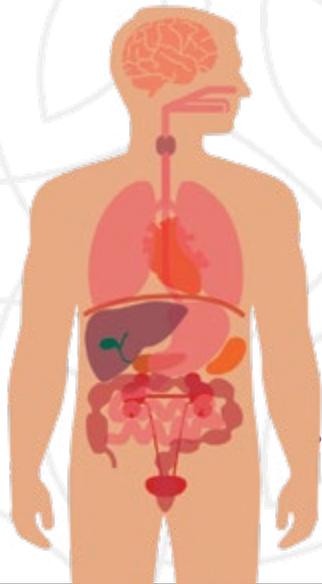
Beijo contaminado

Um estudo realizado na Holanda sugere que 80 milhões de bactérias podem ser trocadas em um único beijo de dez segundos. Por isso, pessoas que estão juntas há muito tempo geralmente têm o mesmo tipo de microbiota (conjunto de micro-organismos) em suas bocas.



Salada de nicotina

Você sabia que algumas frutas e legumes contêm nicotina? A batata, a berinjela, a pimenta e o tomate contêm uma pequena quantidade da substância – são da mesma família do tabaco. Por exemplo, 10 gramas de berinjela contêm 1 micrograma de nicotina. No entanto, não existe comprovação se esses vegetais causem algum risco à saúde.



Super resistência humana

O corpo humano é formado por inúmeros órgãos responsáveis por garantir a vida. Mas alguns deles não são exatamente essenciais – e até dispensáveis. É possível sobreviver mesmo com a remoção do estômago, do baço, 75% do fígado, 80% dos intestinos, um rim, um pulmão e praticamente todos os órgãos da área pélvica e virilha. Não quer dizer que é fácil, mas é possível.

Ameaça invisível

Há uma água-viva que tem o tamanho da sua unha e pode matá-lo. A pequena Irukandji (*Carukia barnesi*), com no máximo dois centímetros, é encontrada na Costa Nordeste da Austrália. Os efeitos colaterais de seu veneno incluem fortes dores, câibras nos braços e pernas, taquicardia, náuseas, agitação, sudorese, hipertensão e dificuldades para respirar.



Sem cecê

Um estudo da Universidade de Bristol, no Reino Unido, descobriu que uma parcela da população mundial nasce com uma variação genética que inibe a secreção específica nas axilas que atrai a bactéria que produz o cheiro forte, popularmente conhecido como cecê. A característica é mais comumente encontrada em asiáticos, mas também já foi identificada em 2% dos ingleses, 10% dos ibéricos e 4% dos africanos subsaarianos.



UMA SIMPLES FOTO



Acompanhe **24 horas por dia**
o que o Sistema FAEP/SENAR-PR
está fazendo

Siga nossas redes sociais



Facebook
Sistema Faep



Instagram
sistema.faep



Youtube
Sistema Faep



Twitter
SistemaFAEP



Linkedin
sistema-faep



Flickr
SistemaFAEP

SISTEMA FAEP



Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
R. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

**EMPRESA BRASILEIRA DE
CORREIOS E TELÉGRAFOS**



- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não Procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço Insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo
porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ____/____/____
Em ____/____/____ Responsável

Acesse a versão digital deste informativo:

sistemafaep.org.br

• FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba-PR | F. 41 2169.7988 |
Fax 41 3323.2124 | sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

• SENAR-PR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba - PR | F. 41 2106.0401 |
Fax 41 3323.1779 | sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Siga o Sistema FAEP/SENAR-PR nas redes sociais

